

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano II — Número 23

Novembro de 1964

SEMANA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIO

(21 A 28 DE NOVEMBRO DE 1964)

Porque uma Semana de Oração

Quanto possamos lembrar-nos, a nossa Denominação em cada ano apartou uma Semana de Oração. Os nossos membros têm sido encorajados a juntar-se cada dia ou cada noite e depois de ler o artigo do Boletim Adventista escrito especialmente para este dia, unir-se em oração. Algumas vezes há também uma reunião de testemunho com oportunidade para os presentes de falar do seu amor e confiança no Senhor. Mas por vezes a pergunta levanta-se: «Para que temos uma Semana de Oração?»

Como provávelmente nenhum de nós estava presente quando este costume foi instituído, não sabemos as discussões que se deram na sua instituição. Contudo a sua idade e continuidade falam a seu favor. Outros costumes vieram, tiveram vida curta, e desapareceram, mas a Semana de Oração continua. Não está ligada a nenhum projecto ou campanha.

Os artigos escritos para as reuniões não pretendem aprofundar qualquer doutrina, nem promover objectivos para qualquer Departamento.

São leituras espirituais, elaboradas para trazer a todos uma realização da sua necessidade de Deus e apontar o caminho para Ele.

As orações são conversações com Deus, e no fim desta Semana, os que fizeram dela uma verdadeira semana de oração, não terão apenas dito palavras a Deus, mas conhecê-lo-o melhor. Este conhecimento íntimo geralmente aumenta com o ano seguinte.

Continuamente, um número cada vez maior de membros, velhos e jovens, podem apontar para uma Semana de Oração no seu passado em que a maior decisão da sua vida foi tomada. Esta decisão foi de aceitar Jesus como Senhor, de ser um dos seus discípulos do século XX, de deixar o mundo e seguir-l'0. Estes, de certo, não são as pessoas que perguntam: «Para que temos uma Semana de Oração?»

Unidade e Triunfo

por Ellen G. White

A Igreja é a propriedade de Deus, e Deus lembra-lhe constantemente este facto enquanto ela estiver neste mundo, sujeita às tentações de Satanás. Cristo nunca esqueceu os dias da sua humilhação. Passando pelas cenas dessa humilhação Jesus não perdeu nada da Sua humanidade. Ele continua a ter o mesmo terno e compassivo amor e é sempre comovido pela dor humana. Tem sempre presente no espírito que Ele foi «homem de dores e experimentado nos trabalhos». Não esquece o povo que o representa e que luta para exaltar a sua desprezada Lei. Ele bem sabe que o povo que O aborrece, também os aborrece a eles. Embora Jesus tenha ido para o Céu, há sempre uma corrente viva que liga os crentes ao Seu coração de amor infinito. Os mais humildes e fracos são ligados por uma corrente de simpatia muito chegada ao Seu coração. Ele nunca esqueceu que é nosso representante e que traz consigo a nossa Natureza.

Jesus vê a Sua Igreja na terra, cuja maior ambição é cooperar com Ele na grandiosa obra de salvar almas. Ele ouve as suas orações oferecidas em contrição e fervor e a Onnipotência não pode resistir a Seus rogos para a salvação de qualquer membro do corpo de Cristo que esteja sendo provado ou tentado.

O Senhor Jesus está fazendo experiências nos corações humanos através da manifestação da sua misericórdia e graça abundante. Ele está efectuando uma transformação tão espantosa que Satanás, com a sua triunfante jactância, com toda a confederação do mal unida contra Deus e as leis do seu governo, contempla os corações que se erguem como fortalezas inexpugnáveis para os seus sofismas e enganos. T tamanha transformação é para ele um mistério incompreensível. Os anjos de Deus, serafins e querubins, os poderes enviados para cooperar com os agentes humanos,

olham com admiração e alegria, por verem homens caídos, em tempos, filhos da ira, tornar-se, mercê dos ensinamentos de Cristo, caracteres à semelhança divina para serem filhos e filhas de Deus, afim de desempenharem uma parte importante nas ocupações e prazeres de Céu.

Dotada pela Justiça de Cristo

Cristo tem dado à Sua Igreja amplas facilidades para que Ele venha a receber uma larga parte de glória dos Seus remidos, do Seu povo adquirido.

A Igreja, sendo dotada da Justiça de Cristo, é o seu propósito, no qual a riqueza da Sua graça, o seu amor e misericórdia devem aparecer na sua manifestação plena e final. A declaração feita na Sua oração de intercessão de que o Amor do Pai é tão grande para conosco como para com Ele, Seu Filho Único, e que onde Ele esteja estejamos nós também, para sempre um com Cristo e com o Pai, é uma maravilha para as hostes celestiais e é motivo de grande alegria para eles. O dom do Seu Espírito Santo, rico, pleno e abundante, é como um muro de fogo todo ao seu redor, contra o qual os poderes do inferno não poderão prevalecer. Cristo considera o Seu povo, na sua pureza imaculada e perfeição sem mancha, como o galardão de todos os Seus sofrimentos, da Sua humilhação, do Seu amor, e o acréscimo à Sua Glória,—Cristo o grande centro do qual irradia toda a glória.

Assim como os diferentes membros do sistema humano se unem para formar o corpo, e cada um cumpre a sua tarefa em obediência à inteligência que governa o todo, assim também os membros da Igreja de Cristo devem estar unidos num corpo harmonioso, sujeitos à inteligência santificada do conjunto. O avanço da Igreja tem sido muitas vezes atrasado pelo curso errado dos seus membros. O facto de unir-se à Igreja, em-

bora seja um passo importante e necessário, não faz de alguém um cristão ou assegura a salvação. Não podemos ter um título no Céu, tendo só os nossos nomes registados no livro da Igreja, ao passo que os nossos corações não estão em uníssono com Cristo e o Seu povo. Nós devemos ser Seus fiéis representantes na terra, trabalhando de harmonia com Ele. «Amados, agora somos filhos de Deus». Devemos ter em mente esta Santa relação, e nada fazer que possa trazer desonra à Causa do nosso Pai.

Uma profissão engrandecida

A nossa profissão é uma profissão engrandecida. Como cristãos, professamos obedecer a todos os Mandamentos de Deus, e olhar para a Vinda do nosso Redentor. A mais solene mensagem de advertência foi confiada aos poucos fiéis do Senhor. Devemos mostrar, pelas nossas palavras e obras, que reconhecemos a grande responsabilidade posta sobre nós. Nossa luz deve brilhar tão claramente que os outros vejam que glorificamos o Pai em nossa vida diária, que estamos em ligação com o Céu e somos cordeiros de Jesus Cristo e que quando Ele aparecer em poder e grande glória, seremos como Ele é.

Devíamos sentir a nossa responsabilidade individual como membros da Igreja visível e Obreiros na Vinha do Senhor. Não devíamos esperar pelos nossos irmãos, tão fracos como nós, para nos ajudar; porque o nosso precioso Salvador nos convidou a juntar-nos com Ele, e a unir a nossa fraqueza à Sua força, a nossa ignorância à Sua sabedoria, a nossa indignidade aos Seus méritos. Nenhum de nós pode ocupar uma posição neutra. Ou somos agentes activos para Cristo, ou para o inimigo. Juntamos com Jesus ou espalhamos longe d'Ele. A verdadeira conversão é uma mudança radical. Os próprios impulsos da mente e as tendências do coração devem ser banidas, e a vida deve tornar-se nova em Cristo.

Permanecendo em perfeita unidade

Deus está conduzindo avante um

povo para permanecer em perfeita unidade sobre a plataforma da Verdade Eterna. Cristo deu-se a Si mesmo ao mundo para «Purificar para Si mesmo um povo Seu especial, zeloso e de boas obras». Este processo de purificação é designado para purgar a Igreja do espírito de discórdia, de contenda e de toda a injustiça, para que possam edificar em lugar de deitar abaixo, e centrar as suas energias na grande Obra que está diante deles. Deus determina que Seu povo seja ligado em unidade de fé. A oração de Cristo, logo antes da Sua crucificação foi: Que Seus discípulos fossem Um, assim como ele era Um com o Pai, a fim de que o mundo crescesse que o Pai O tinha enviado.

Esta tão tocante e maravilhosa oração passou através dos séculos e chegou até aos nossos dias; porque as Suas palavras eram: «E não Te rogo sómente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão-de crer em mim». Quão fervorosamente deviam os professos seguidores de Cristo responder a esta oração nas suas vidas! Muitos não compreendem a santidade da função da Igreja e são negligentes em submeter-se, em restringir-se, ou disciplinar-se. O decurso das suas acções mostra que eles exaltam o seu próprio juízo acima da Igreja unida, e não tem cuidado em guardar-se em não animar um espírito de oposição à sua voz.

Os que ocupam lugares de responsabilidade nam Igreja podem ter as suas faltas em comum com outras pessoas, errar nas suas decisões; mas, apesar disso, a Igreja de Cristo na terra deulhes uma autoridade que não podem menosprezar. Cristo, depois, da Sua ressurreição, delegou poderes à Sua Igreja, dizendo: «Aquele a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados, e aqueles a quem os retiverdes lhes são retidos» (João 20:23). A afinidade que temos com a Igreja não é para ser facilmente concedida: contudo alguns professos seguidores de Cristo ameaçam deixar a Igreja quando o seu caminho é atravessado, ou quando a sua voz não consegue ter a influência dominante que julgam que deviam ter. Mas, ao fazer isso são eles próprios a

sofrer o maior dano; porque, afastando-se da comunhão da Igreja, sujeitam-se eles próprios à fortes tentações do mundo.

Ligados à Igreja com inteireza de coração

Cada crente deve dar-se com inteireza de coração na sua dedicação à Igreja. A prosperidade desta devia ser o seu interesse primordial e a menos que o crente sinta pesar sobre ele a sagrada obrigação de fazer da sua ligação com a Igreja um maior benefício para ela do que para ele, crente, ela poderá passar muito melhor sem ele. Está no poder de todos fazer alguma coisa para a Causa de Deus. Alguns gastam quantias avultadas em luxos desnecessários e em satisfação dos seus apetites, mas consideram grande fardo contribuir com os seus meios para o sustento da Igreja. Estão desejosos de receber todos os benefícios e privilégios dela, mas preferem deixar ao cuidado dos outros o pagamento das suas contas.

Aqueles que realmente sentem um profundo interesse no avanço do Causa de Deus não hesitarão em investir dinheiro seja quando, ou seja onde dele se necessitar. Devem sentir também dever solene ilustrar no seu carácter os ensinamentos de Cristo, tendo paz uns com os outros e andando em perfeita harmonia como um todo e não divididos. Devem ceder as suas opiniões pessoais diante do juízo da Igreja.

Muitos vivem só para si mesmo. Olham para a sua vida com grande complacência, ufanando-se de ser correctos, quando na realidade não fazem nada para Deus, e estão vivendo em opposição directa com a Sua Palavra expressa. A observância das formas externas nunca satisfará as grandes necessidades da alma humana.

Uma mera profissão de servir a Cristo não é o bastante para passar à prova do tribunal divino. Deve haver uma perfeita fidelidade para com Deus, uma dependência infantil quanto às Suas promessas, e a mais completa consagração do «eu» à Sua Santa Vontade.

Um em Jesus

Deus entregou o Seu amado Filho às agonias da crucificação para que todo aquele que n'Ele cresse pudesse participar da união com Ele pelo nome de Jesus. Quando Cristo fez um tão grande sacrifício para salvar os homens e trazê-los em união uns com os outros, assim como ele era unido com o Pai, haverá por acaso sacrifício grande de mais que os Seus seguidores possam fazer afim de preservar esta unidade? Se o mundo vê uma perfeita harmonia existindo na Igreja de Deus, será uma evidência poderosa para eles em favor da religião cristã. Dissensões, diferenças infelizes, juízos de baixo nível desonram o nosso Redentor. Tudo isso pode ser evitado, se o «eu» está entregue a Deus, e os seguidores de Jesus obedecem à voz da Igreja. A descrença sugere que a independência individual aumenta a nossa importância, que é fraqueza entregar ao veredicto da Igreja as nossas próprias ideias sobre o que é recto e o que convém. Mas nutrir tais sentimentos e pontos de vista trará somente anarquia na Igreja e confusão para nós mesmos.

Cristo viu que a unidade e amizade cristã eram necessárias à Causa de Deus, por isso Ele as intima aos Seus discípulos. A história do Cristianismo desde aquele tempo até agora comprova abundantemente que unicamente na união existe a força. Portanto, que o juízo individual seja submisso à autoridade da Igreja.

Os apóstolos sentiram a necessidade de estricteza de unidade, e eles trabalharam arduamente para esse fim. Paulo exortava os seus irmãos nestes termos: «Rogo-vos, porém irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões, antes sejais unidos em um mesmo sentimento e em um mesmo parecer» (I Cor. 1:10).

Deus tem feito da Sua Igreja na terra uma corrente de luz, e através dela comunica Ele os Seus propósitos e a Sua Santa Vontade. Não dá a nenhum dos Seus servos uma experiência independente e contrária à experiência da

própria Igreja. Nem Ele dá a um só homem conhecimento da Sua Vontade para toda a Igreja, enquanto a Igreja — o corpo de Cristo — é deixado em trevas. Em Sua Providência Deus coloca os seus servos em ligação íntima com a Sua Igreja, afim de que eles tenham menos confiança em si mesmos e uma maior confiança nos que Ele está guiando para o avanço da Sua Obra.

Sempre têm existido na Igreja aqueles que estão constantemente inclinados à independência individual. Parecem incapazes de compreender que a independência do espírito é susceptível de levar agentes humanos a confiar demasiadamente em si mesmo, e dar maior crédito a seu próprio juízo do que respeitar e ter em alta estima o conselho de seus irmãos, especialmente daqueles que estão em lugares que Deus apontou para guiar o Seu povo. Deus investiu a Sua Igreja de especial autoridade e poder que nenhum ser poderá com justiça desconhecer ou desprezar, pois que desprezando tal autoridade, o infractor despreza a própria voz de Deus.

Aqueles que estão inclinados a considerar o seu juízo individual como supremo, incorrem em grave perigo. É o próprio esforço de Satanás que faz separar esses tais dos outros que são canais de luz pelos quais Deus tem conseguido edificar e desenvolver a

Sua Obra na terra. Negligenciar ou desprezar aqueles que Deus tem apontado para levar as responsabilidades da chefia em relação ao avanço da verdade, é rejeitar os meios que Ele ordenou para ajuda, encorajamento e força do Seu povo.

Num sentido especial os Adventistas do Sétimo Dia têm sido estabelecidos no mundo como sentinelas e portadores de luz. A eles foi confiada a última advertência para um mundo prestes a perecer. Uma maravilhosa luz, vinda da Palavra de Deus, brilha sobre eles. Foi-lhes dada uma obra da mais solene importância: — A proclamação da primeira, segunda e terceira mensagem angélica — não há nenhuma outra obra de tão grande importância. Não devem eles permitir que qualquer outra coisa absorva a sua atenção.

As verdades mais solenes, jamais confiadas a mortais, a nós foram dadas para as proclamar ao mundo. A proclamação destas verdades deve ser a nossa tarefa.

Não há lugar para dúvidas, ou receio de que a obra não se cumpra. Deus está à frente da Sua Obra, e porá tudo em ordem. Se as coisas precisam ser acertadas, à frente da Obra, Deus atentará a isto, e corrigirá cada erro. Tenhamos fé que Deus vai governar a nobre nau que traz a bordo o Seu povo, com segurança até ao porto.

Domingo, 22 de Novembro de 1964

O Fim está Próximo

por Theodore Carchich

«Pelo que amados, aguardando estas coisas, procurai que d'Ele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz» (II Ped. 3:14).

Inexoravelmente, a história caminha para o seu ponto culminante. Cada dia, mês e ano trazem a humanidade para mais perto desse grande acontecimento em que o Céu se retirará como um livro que se enrola, para dar lugar a Cristo que volta, afim de instaurar um Reino de Justiça Eterna.

Quer os homens queiram ou não,

a volta de Cristo a esta terra é um facto que eles devem reconhecer. Tudo está envolvido, porque o acontecimento encerra a história como ela foi constituída pelos biliões de pessoas que têm vivido nesta terra. Catastróficamente, o acontecimento apaga para sempre a civilização tal como o homem a conheceu. A trágica existência do homem neste planeta chega ao seu fim.

Antes que este assombroso acontecimento se dê, a humanidade será dividida em duas classes — os preparados e

os não preparados. Dum lado estarão os obedientes que temem a Deus; do outro lado os descuidados, indiferentes, maus e ímpios.

Este último grupo há-de esquecer toda a distinção de classe, neste triste dia. Riquezas e andrajos, erudição e ignorância, grandes e pequenos ajuntar-se-ão para receber a sua perdição eterna e exclamar: «Passou a sega, findou o verão e nós não estamos salvos». (Jerem. 8:20).

O perigo de chegar a esta hora solene não preparados ameaça a todos nós. Há somente uma maneira de estarmos preparados para o Segundo Advento de Cristo, e esta é a de estar preparados para o termo da vida «hoje». Enquanto o fim literal do mundo é ainda futuro, o mundo pode bem findar para nós de repente, «hoje».

É sensato considerar que o nosso destino para toda a eternidade está traçado quando findamos a nossa carreira terrena. Em vista da incerteza da vida e iminência da vinda de Nosso Senhor, a admoestação «Por isso estai preparados também, toma um significado especial. Isto significa que não podemos adiar para amanhã coisa alguma que nos é possível fazer hoje para preparar-nos para a Vinda de Cristo.

Negligenciar a preparação é repetir a tragédia dos antediluvianos. Descuidado, indiferente, imoral, assim era o povo antes do dilúvio. As advertências dos juízos de Deus, proclamadas por meio de Noé, foram consideradas levianamente e por fim ignoradas.

O nosso mundo, completamente alheio às solenes advertências da palavra de Deus, anda pelo mesmo caminho, acelerando constantemente o passo que o pecado desenfreado. Em breve, muito em breve, «a terra e as obras que nela há» serão desfeitas no fogo medonho dos últimos dias.

Para além da destruição deste velho mundo de pecado e morte, surge «a Nova terra em que habita a Justiça». Isto Deus prometeu. Isto crê o povo de Deus, e, ao passo que o fim se aproxima, ele se esforça com zelo para ser achado «irrepreensível no dia de Nosso Senhor Jesus Cristo» (I Cor. 1:8).

A preparação necessária

Não está na natureza do homem viver sem mácula e estar em paz com os outros. A passada história do homem testifica eloquentemente que estes traços de carácter são estranhos à sua maneira de pensar e de viver. Que experimente o que puder, ele não pode mudar por si mesmo a sua natureza, corrigir os seus erros, ou renovar as manchas pecaminosas da sua vida. Sejam quais forem as capacidades que ele possuir, não tem a de atingir perfeita justiça.

Se o homem deve adquirir a justiça, ele deve adquiri-la «como um dom». Aquele que faz este dom deve ser, forçosamente, impecável, ou então não pode conceder justiça. Um, e um único, é qualificado para oferecer o dom de justiça. Só Cristo é «imaculado e incontaminado» (I Ped. 1:19). Só Cristo é «Santo, inocente, imaculado» (Heb. 7:26). Do mesmo modo, Cristo só é fonte de paz, n'Ele somente temos paz. (João. 1:27; 16:33).

Quando vemos um homem imaculado, e em paz com Deus e com o seu próximo, vemos um homem que entronizou Cristo no seu coração como Salvador e Senhor. Sentindo a sua fraqueza e a sua indignidade, sempre cõscio da sua dependência de Deus, crucificando diariamente o seu «eu» pecaminoso, este homem diz como S. Paulo: «Já estou crucificado com Cristo, e vivo, não mais eu, mas Cristo, vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o Qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim» (Gál. 2:20).

Um número por demais avultado olha para Deus, e isto digo com reverência, como o dono de uma casa de utilidades. Nas suas orações eles correm de balcão em balcão, procurando um pouco de paciência, um pouco de imaculabilidade, um pouco mais de incontaminação, e de verdade, etc. Parecem implorar a Deus uma variedade de dons, mais do que obter um único e verdadeiro Dom.

Deus tem somente um único dom para os homens, este dom é Cristo. Aceitando este dom, o homem adquire tudo o que é necessário para a sua justificação, a santificação e por último a sua glorificação. O dom de Cristo ultrapassa todas as coisas e não negligência nada para a salvação do homem. Possuindo Cristo, o homem possui a sua imaculabilidade, a sua incontaminação e a sua paz.

Cristo foi feito sabedoria, justiça, santificação e redenção» (I Cor. 1:30). Aqui está o dom que deve ser procurado e aceite. Como, ao certo, uma pessoa aceita este dom incomparável?

«Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como o vosso Salvador, por mais pecaminosa que tenha sido a vossa vida, por Sua causa sereis considerados como justos, O carácter de Cristo é substituído a vosso carácter, e sereis aceites diante de Deus exactamente como se nunca houvésseis pecado» (Aos Pés de Cristo, 3.^a Ed. pag 66).

«Quando nos sujeitamos a Cristo, o nosso coração une-se ao Seu, a nossa vontade imerge em Sua vontade, o nosso espírito torna-se um com o Seu espírito, os nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; nós viveremos a Sua Vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes da Sua justiça». (Parábolas de Jesus, pag. 312).

Ao passo que o fim se aproxima, o povo de Deus procurará, achará e viverá este supremo dom de Deus em suas vidas. Assim fazendo, eles serão «achados imaculados e irrepreensíveis em paz» (II Ped. 3:14).

A semelhança de Cristo no carácter é a única preparação que Deus reconhece no segundo Advento. Disse S. João: «Nós seremos com Ele, porque assim como Ele é o veremos» (I S. João 3:2).

Aqueles que atingirem esta semelhança ouvirão as bondosas palavras no aparecimento de Cristo: «Vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo» (Mat. 25:34).

Alguns mantêm que o grau de pre-

paração para a Vinda de Cristo é demonstrado da melhor maneira pela veemência e o ardor com que uma pessoa contende pela chamada «Nova Luz». Muitas vezes a nova luz é uma combinação de teorias abstractas de teologia. Os que a advogam demonstram em geral atitudes que estão longe de ser dirigidas por Cristo. A serva do Senhor dá-nos o resultado final de toda a verdadeira doutrina e prática cristã. Em linguagem falada ela declara: «Nós vivemos a Sua vida».

Viver a Sua vida será desviar-se das contendas, atritos, do espírito faccioso, da rebeldia que os promotores da «nova luz» vão gerando sob o pretexto de «promover os melhores interesses da Igreja de Deus». Isto é precisamente o mesmo argumento que Lúcifer usou quando quebrou a paz do Céu. Promulgando a sua teoria, Lúcifer insistia em que ele tinha em mente o bem do governo de Deus. Então ele demonstrou isso transformando em demónios um terço das hostes angélicas, e arruinando o então recémcriado mundo. Tais são os métodos e frutos dos apóstolos da discórdia do século XX.

Cristo não faz a guerra à Sua Igreja

Quando os advogados da nova luz ou da reforma viram as suas armas de guerra contra a Igreja, sua organização, ou contra os chefes que lhe foram designados, é evidente que o espírito de Cristo não está neles. Cristo corrige e disciplina a Sua Igreja, mas nunca guerreia contra aquela que fundou e que constantemente guia.

Sempre que alguém faz guerra contra a Igreja, mesmo por métodos encobertos, podemos assim saber de que lado ele está. «Aqueles que empreendem proclamar uma mensagem sobre a sua própria responsabilidade, os quais, enquanto afirmam ser ensinados e guiados por Deus, fazem a tarefa especial que é despedaçar aquilo que Deus tem estado durante anos a edificar, eles não estão fazendo a Obra de Deus. Seja sabido que estes homens estão do lado do grande enganador. Não os creiais. Eles estão-se aliando com os inimigos de Deus e da verdade. Eles escarne-

cerão da ordem do ministério, como de um sistema de sacerdócio interesseiro. Dos tais, desviai-vos, não tenhais comunhão com a sua mensagem, ainda que façam citações dos «Testemunhos» e que procurem entrincheirar-se atrás deles. Não os recebaís, porque Deus não lhes deu essa obra a fazer». *Testimonies to Ministers, pág. 51.*

Até que ponto estas provações, apostasias e dificuldades afectam o verdadeiro povo de Deus que aceitou a Justiça de Cristo e anda dia a dia na luz revelada? Desprezando as acusações e pretensões dos grupos à parte e dos reformadores de *motu-próprio*, o povo de Deus atenderá às palavras do seu instrutor Divino: «Apertai as fileiras; apertai as fileiras... A unidade é a força; a desunião é fraqueza e derrota!» *Testimonies, Vol. 6, pág. 293.*

O Amor de Deus une o Seu Povo

Ao passo que Satanás inventa todo o propósito possível para separar o povo de Deus, o Amor de Cristo, derramado em corações humanos pelo Espírito Santo, une os crentes, seguindo disposições diversas, em laços firmes de unidade cristã.

Esta obra de unidade completa e de harmonia, logo antes da Vinda do Senhor, começa no Lar. Pais, filhos e outros membros da família, sentindo que o fim está próximo, põem de parte a inveja, o espírito de acusações e de crítica ao preparar-se para encon-

trar o Seu Senhor, como famílias unidas.

Vindo de tais lares, o espírito de amor fraternal e de lealdade estender-se-á a toda a Igreja. Maus juízos, ciúme e desconfiança, serão postos de lado. O irmão será unido ao irmão pelos áureos laços do Amor de Cristo. O espírito de Deus entrará, qual onda poderosa, e dará poder a uma igreja unida, para completar a Obra de Evangelho.

Será apenas um desejo, algo que não pode realizar-se na sua Igreja ou na minha? Não, irmão, isto é real.

Quando a tempestade da perseguição realmente nos assaltar, as verdadeiras ovelhas ouvirão a voz do verdadeiro Pastor. Esforços altruístas serão empreendidos para salvar os perdidos, e muitos dos que estavam desgarrados, longe do rebanho, voltarão para seguir o Sumo Pastor. O povo de Deus ajuntar-se-á para apresentar ao inimigo uma frente unida. Com o perigo comum à vista, a luta pela sepremacia cessará, não haverá mais discussões para saber qual será o maior.

O Amor de Cristo, o amor dos nossos irmãos, testificará ao mundo que temos estado com Jesus, que temos aprendido d'Ele. Então a mensagem do terceiro anjo se tornará o alto clamor e a terra inteira será iluminada com a glória do Senhor.

Com o fim tão perto, vamos avançar em harmonia e unidade centrada em Cristo, e assim estar preparados para a terminação da Obra de Deus na terra e volta do nosso Bendito Senhor. Que esta experiência comece consigo e comigo!

Segunda-Feira, 23 de Novembro de 1964

Princípios essenciais da Vida Cristã

por W. J. Hackett

«E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai, multiplicai-vos e enchei a terra, e sujeitai-a» (Gén 1:27, 28).

Na sua profunda sabedoria Deus criou o homem e a mulher com poder para reproduzir-se segundo a sua espécie. A primeira família foi abençoada por Deus, e dela se desenvolveu a raça humana, da qual somos todos uma

parte. Desde o berço até à cova não haverá uma pessoa cujo comportamento e acções de vida não seja influenciada pelos laços familiares da sua meninice. É no lar que se desenvolvem os primeiros conceitos da vida, de Deus, do pai, da mãe, dos irmãos.

O lar provê as primeiras respostas ao bem e ao mal, a decência e a indecência, a moralidade ou a imoralidade, a honestidade ou a desonestidade, a pureza ou a impureza. No lar as ambições são desenvolvidas e orientadas quer para uma vida de integridade e utilidade, quer para uma vida de impiedade e sem valor. É no lar que a mentalidade da Juventude toma uma direcção positiva ou negativa, que género é incentivado ou prevertido. O lar pode ser uma bênção ou uma maldição, uma coroa ou uma cruz, diadema de glória ou uma cilada de enganos. Notai as palavras inspiradas.

O Céu na terra

«O lar devia ser tudo quanto esta palavra implica. Devia ser um pequeno paraíso na terra, um lugar em que as afeições são cultivadas em lugar de serem cuidadosamente reprimidas». *O Lar Adventista*, pág. 15.

«Deus queria ter as nossas famílias como símbolo da família do Céu. Que pais e filhos tenham em mente cada dia, relacionar-se uns com os outros como membros da família de Deus». *Ibid*, pág. 17.

«Este mundo, em mudança contínua, insiste com muita ênfase sobre as associações-chaves e relações no lar. A nossa viagem confiante e calma através do tempo foi interrompida, senão desviada inteiramente, por mudanças drásticas em maneira de viver e trabalhar. A emergência de um novo mundo de comunicações, de locomoção e de viagens através do espaço trouxe consigo uma mobilidade de pensamento e conduta, afectou o nosso próprio conceito básico e resultou na fragilidade do nosso ancoradouro.

Nos lares do passado, o pai era a cabeça da família, o único provedor económico, o professor de religião, o protector, o legislador, e o Juiz. Ele,

como a mãe, provia o dogma, a doutrinação e a autoridade, que muitas vezes resultava em castigos corporais, para assegurar plena conformidade.

Mas, com o advento da nova época, com as mudanças na educação, o aumento do nível económico, a revolução inter-racial, democracia política, uma mudança interveio no lar. As restrições tornaram-se menores, a disciplina cedeu o lugar ao desejo. A discussão e troca de pensamento suplantou o autoritarismo. Pensou-se que o ajustamento mental e emocional chegaria melhor à maturidade por um sistema de não-restricção.

Não resta dúvida que a velha disciplina de «cavalo marinho... precisa de ser aperfeiçoada; mas o que o lar produz hoje em dia revela que o pêndulo se inclinou demasiado para a direita. Ninguém gosta de ditaduras senão o ditador, mas mesmo em democracia é necessário ter regras de conduta, de autoridade e disciplina. Talvez o Dr. Stuar E. Rosenberg, rabi da Congregação de Beth Tsedic em Toronto exagerasse um pouco quando escreveu em «The Road to Confidence»:

«O culto da criança atingiu proporções, que em muitos aspectos as nossas crianças já não são crianças. São ditadores voluntariosos, Césares de palmo e meio, pequenos Napoleões, que se tornaram os autores de decisões na vida da família. — Citado no *Royal Bank of Canada Monthly Letter*, vol. 44, N.º 7.

Famílias bem ordenadas

De novo a inspiração nos é dirigida na nossa qualidade de pais: «Se os pais derem aos seus filhos educação conveniente, eles próprios tornar-se-ão felizes vendo o futuro da cuidadosa disciplina no carácter cristão dos seus filhos. Estão prestando a Deus o mais alto serviço, apresentando ao mundo uma família bem ordenada e bem disciplinada que não sómente teme a Deus, mas ainda O honra e glorifica pela influência que exerce sobre outras famílias, e receberão o seu galardão». *O Lar Adventista*, pág. 535.

Este resultado — uma família bem

ordenada e disciplinada — não pode ser obtido sem cuidadoso plano e esforço. O pai e marido não prescindirá do seu lugar. Ele é algo mais do que o chefe simbólico da casa. Um administrador em negócios, há-de ter autoridade à medida da sua responsabilidade; assim poderá, pai e chefe exercer a sua responsabilidade paterna, divina, e cheia de amor.

No lar de hoje, a mãe tem, demasiadas vezes desempenhado o duplo papel de provedor e guarda. Se mulheres inteligentes podem ser empregadas na escola, na Igreja, na indústria e outros lugares úteis; as mães não devem esquecer de que foram encarregadas por Deus para serem o próprio centro do lar. Oh! Que as mães sejam o centro da família, as educadoras dos filhos, ensinando-lhes os valores que resultam de um trabalho em conjunto nos labores comuns do lar, que são parte integrante na vida de todos os dias!

O Problema do Crescimento

Se o pai e a mãe têm ambos a sua responsabilidade na delicada operação de levar avante a vida de família, não devem esquecer que estes dias são dias decisivos para as crianças e jovens. A tarefa de criar filhos, normalmente não é tarefa fácil; e os pais devem conhecer os riscos. À medida que uma criança se aproxima da adolescência, sábios são os pais que podem acompanhar os problemas individuais da criança sem interromper a relação íntima entre pais e filhos. Isto implica tacto, juízo, calma e compreensão para competir com as emoções e conflitos que surgem na alma de um adolescente e guardar a sua confiança, tão necessária para os dias que hão-de vir, afim de lhes proporcionar conselhos em amor, tanto como disciplina, esta essencial neste período de desenvolvimento. Os pais necessitam de pôr-se de joelhos vezes a miúdo, e manter-se devidamente informados.

«As crianças têm uma natureza sensível e afectuosa. Com facilidade se tornam felizes ou infelizes. Por suave disciplina em palavras e actos de ter-

nura, as mães podem ligar os filhos ao seu coração... Manifestar afeição na vossa associação com os filhos, compensará largamente. Nunca os repelir por falta de simpatia, nas suas actividades infantis, suas alegrias e suas penas. Nunca deveis carregar o sobrolho e que nunca palavra dura se escape dos vossos lábios. Deus escreve todas estas palavras no seu livro» — *Ibid*, pág. 309.

Relações familiares estáveis são edificadas igualmente, ao partilhar as responsabilidades do lar. Se as crianças aprenderem cedo que são cidadãos responsáveis dentro de casa, isto poupará muitos dissabores em matéria de disciplina. Dará ainda à criança espírito de corpo e sentimento de importância. Esta divisão de responsabilidade cria lealdade no círculo da família, o que proporciona o factor de segurança, tão necessário nos dias duros de adaptação à adolescência. Trabalhar juntos, orar juntos, planejar juntos é uma das experiências mais compensadoras da vida. Neste mundo de relações frias, duras e bruscas, cada homem, mulher e criança anseia pelo calor da amizade e compreensão, que somente um lar piedoso pode manifestar.

A Igreja Adventista e os seus chefes foram dos primeiros a exaltar o ideal do lar cristão, diante dos seus membros e diante do mundo. A maior parte, entre nós, deve a sua formação e o bom êxito nela obtido, à influência de lares cristãos. Vamos pois nutri-los e protegê-los nestes dias em que um viver complexo e moderno tende a arruinar as suas estruturas.

Embora tenhamos discutido primeiro algumas relações entre pessoas na família, temos de reconhecer que o verdadeiro poder que se move por detrás de todos estes factos é o carácter religioso do lar. O culto de família, onde todos tomam parte, é vital para o êxito. Tantas vezes a oração e a leitura da Palavra de Deus são negligenciadas e daí resulta a quebra do carácter destas relações. Suspeitas, dúvidas, desconfianças e até rancores e acusações são introduzidos para estragar e apagar o amor e a doce compreensão que outrora existia. Deus Deus-nos a Sua

Palavra para que a mente se possa fixar sobre temas elevados e enobrecedores. Quando a mente se detém sobre assuntos tão elevados e puros, ela recebe um efeito estimulante e proporcional a todo o corpo.

«A relação que existe entre a mente e o espírito é muito íntima. Quando um é afectado, o outro ressentente-se» — *The Ministry of Healing*, pág. 241. É impossível aos homens, enquanto estiverem debaixo dos efeitos de hábitos pecaminosos e destruidores da saúde, apreciar as Verdades Sagradas. Temas da Palavra de Deus, os mais gloriosos e enobrecedores, parecem-lhes contos ociosos. Satanás pode então facilmente arrebatá-la a boa semente que foi semeada no coração, porque a alma não está em condição de compreender ou abranger o seu verdadeiro valor.

Efeitos das tensões da vida

Muitas das perturbações do lar surgem das tensões do nosso modo de vida moderno. Estas tensões e aborrecimentos não só afectam as relações, mas têm um efeito correspondente sobre o corpo. Assim começa um círculo vicioso. Notai esta citação do *Ciência do Bom Viver*, pág. 257:

«Quando a mente é livre e feliz, pela consciência do dever bem cumprido e a satisfação de dar felicidade a outros, a influência enaltecida daí resultante traz nova vida a todo o ser.»

Experiências médicas recentes fornecem evidência sempre crescente de que as condições da mente tem muito que ver com a predisposição do corpo para a doença. Quando Deus criou a mente humana, criou-a para funcionar melhor e com pensamentos rectos. S. Paulo expressou não só uma admoestação espiritual, mas sobretudo um princípio científico quando disse:

«Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, se há alguma louvor, nisso pensai». (Fil. 4:8).

Traz a religião ao lar, com a sua própria compreensão das leis fundamentais dadas por Deus no mundo

físico e espiritual, o Seu amor tranquilizante e terno cuidado, é na realidade trazer paz e tranquilidade à mente, tanto como saúde ao corpo. Isto não é a «religião da mente». Apenas apontamos o facto de que, quando Deus criou a máquina humana, Ele a fez para funcionar segundo os princípios das leis físicas e espirituais. Transgredidas, estas leis afectarão tanto a mente como o corpo, em vários graus.

Não é possível atingir perfeições de carácter, quando as leis da natureza são desprezadas, pois isto é transgredir a própria lei de Deus.

«A Sua lei está escrita pelo seu próprio dedo em cada nervo, cada músculo, cada função que confiou ao homem». — *As Parábolas de Jesus*, pags. 347-348.

Relações do corpo e da mente

«A relação que existe entre a mente e o corpo é muito íntima.

Quando um é afectado, o outro sofre. A condição da mente afecta a saúde a um grau bem mais alto do que muitos pensam». — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 241.

Digo muitas vezes a jovens que fundam novos lares: «Tende a certeza de viver o que credes».

«Se a mente é livre e feliz pela consciência de ter feito o que é recto e um sentimento de satisfação nos vem ao tornar outros felizes, isto criará alegria que reagirá sobre todo o sistema, causando uma circulação sanguínea mais livre e tonificando o corpo». — *Test.*, Vol. 4, pág. 60. «A consciência de agir rectamente é a melhor medicina para corpos e mentes doentes». — *Conselhos sobre a Saúde*, pág. 628.

A saúde um factor primordial

Ficamos assim sabendo que, para ter um lar feliz, a saúde é um factor primordial. Hábitos de pensar rectamente, são tão importantes à saúde física como o são para o aspecto moral e intelectual da personalidade.

No seu ministério em favor dos doentes, Cristo lidava com pecados e culpas tanto como a própria doença.

O Seu Ministério incluía tanto a mente como o corpo. Devemos igualmente pôr ênfase sobre o alcance físico do corpo em relação à mente.

Há vários anos, sábios levaram à frente pesquisas e experiências para determinar a relação entre o alimento ingerido e as reacções mentais das pessoas em experiência. Acharam que a consciência e o poder de discernir o bem do mal é função especial da razão. E a razão é afectada pela qualidade de tecidos celebrais obtidos pela qualidade do alimento comido.

Estudos mais adiantados revelaram haver relação directa entre a nutrição e a delinquência juvenil. Estes pesquisadores ligaram a delinquência a deficiências da dieta, ao comer alimentos refinados, os quais foram desvitaminados nos processos de refinação. A Ir.^a White escreve:

«A importância de educar crianças dentro de hábitos diatéticos rectos, dificilmente poderá ser exagerada. Os pequenos precisam que comam para viver, e não vivem para comer. O ensino deve começar quando a criança está ao colo da mãe. A criança deve ter alimento somente a intervalos regulares, e com menos frequência na medida que cresce. Não se lhe deve dar doces ou alimentos de pessoas mais idosas, que ela não é capaz de digerir. Cuidado e regularidade ao nutrir as crianças não só promove saúde, mas ainda as tornará mais calmas e de

melhor índole, como também lançará os fundamentos de hábitos que se transformarão em bênção por longos anos». — *The Ministry of Healing*, pág. 383.

Um grande e poderoso combate está a grassar entre duas forças opostas. Estas forças digladiam-se pela mente, corpo e alma do homem. Combatem pela vida da nossa juventude e pela estrutura dos lares adventistas. Este Movimento Adventista, com a sua adiantada luz profética, com o seu conhecimento dos enredos e enganões de Satanás nos últimos dias, com a luz dada pelo Espírito de Profecia, conhecendo profundamente o homem com os seus problemas do lar e da saúde, pede-vos para vir à parte um momento durante esta semana de oração e avaliar de novo a vossa experiência em face destas portentosas verdades.

É a nossa vida o que devia ser? E o nosso lar o que se esperava dele? São as nossas relações familiares inspiradas no molde celeste? Estão as nossas faculdades vigorosas e saudáveis? Na força do poder de Deus estamos preparados para a vinda de Cristo em breve, e ser transplantados para os Lares Celestiais onde, como filhos Seus, nos sentaremos a Seus pés para aprender d'Ele? Ali a família da terra e a do céu serão unidas e não haverá mais pecado nem morte. Os remidos cantarão aleluias através do espaço infinito. Estará, prezado irmão e irmã, a sua família ali?

Gerça-Feira, 24 de Novembro de 1964

Acabando a Obra

por Ralph S. Watts

É expressão comum entre Adventistas do Sétimo Dia esta de «acabar a Obra». Damos expressão pública a estas palavras em nossas orações e testemunhos, porque elas são pronunciadas com profunda convicção e com o sincero desejo de ver a «Obra de Deus» terminada.

Alguns, eu receio, referem-se à ter-

minação da Obra em todo o tema e de um modo impensado, sem compreenderem o que significa na acção final de Deus o completar da Obra da Salvação. Dá-nos conforto, saber que esta expressão: «terminar a Obra» é bíblica, pois ela veio dos lábios de um grande evangelista, o apóstolo S. Paulo, quando ele declarou: «Porque Ele terminará a Obra,

e a abreviará em justiça; porque o Senhor cumprirá uma obra breve sobre a terra». (Rom. 9:28, versão inglesa).

Para compreender plenamente o significado destas palavras, devemos estar familiarizados com o contexto em que elas são usadas. Nos versículos anteriores de Romanos, Cap. 9, S. Paulo dá ênfase à unidade da graça de Deus. Mostra que Deus não faz acepção de pessoas e que hoje, na dispensação cristã, a Salvação é oferecida tanto a judeus como a gentios. Ele torna bem claro que «um remanescente entre todas as nações será salvo».

Para confirmar esta conclusão, o apóstolo cita o Antigo Testamento: «Chamarei meu povo ao que não era meu povo; e amada à que não era amada. E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: vós não sois meu povo; aí serão chamados filhos do Deus Vivo». (vers. 25, 26).

S. Paulo cita Oseias 2:23 e Isaías 10:22, 23, falando de Israel: «Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque o Senhor executará a Sua Palavra sobre a terra, *completando-a* e abreviando-a. (Rom. 9:25-28).

Ao aproximar-se o fim do tempo de provação, Deus vai executar a sua palavra, terminando-a e abreviando-a. A proclamação da palavra final de Salvação deve ser grandemente acelerada. O que o povo remanescente de Deus tem cumprido debaixo da Sua Bênção e Orientação nos passados cem anos, é, tão somente um prelúdio em relação aquilo que deve ser realizado no resto do tempo que nos resta.

Enquanto o eterno propósito de Deus para esta terra se desenrola, as prometidas bênçãos da Redenção e preparação para o segundo advento de Cristo serão concedidas a todos os que são «não do meu povo, mas que agora serão chamados: «filhos do Deus Vivo». Por outras palavras, na visitação final do Espírito de Deus sobre a terra «todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo» (Joel 2:32).

Espalhados entre os habitantes de todos os países da terra, existem hoje incontáveis multidões de almas hones-

tas e sinceras. Elas estão vivendo em toda a luz que receberam. Para descrever estes corações ainda não rendidos, temos que empregar as palavras do profeta Joel: «Multidões, multidões no vale da decisão» (Joel 3:14). Hoje em todos os países há os que são honestos de coração e sobre eles a luz do céu está brilhando» *Profetas e Reis*, pág. 253.

O Espírito Santo aponta para os corações honestos

Vemos por estes textos que o Espírito Santo está agora, dia a dia, apontando cada coração honesto e preparando estas almas para a recepção da Verdade. «O Espírito Santo implanta a graça de Cristo no coração de muitos que procuram a Verdade, activando simpatias contrárias à sua natureza, contrárias à sua educação anterior — *Profetas e Reis*, pág. 376-377.

Enquanto o fim se aproxima, por instrumentos humanos, por sonhos, pelas publicações, por inúmeros meios simples, Deus através do Seu Santo Espírito, revelar-se-á Ele próprio a estes corações ansiosos e os porá em contacto com aqueles que poderão ensinar-lhes a plena verdade.

Muitas vezes ao usar a frase «a terminação da Obra» nós a pronunciamos como se a Obra fosse nossa, e que nós temos de terminá-la. Mas ela é nossa tão somente na medida que nós somos d'Ele. Em Rom. 9:28 está expresso claramente que Deus executará a Sua Palavra, e a abreviará. É Ele que terminará a Obra; a nossa parte é ser vasos consagrados da Sua Divina Graça. O que importa na finalização da Obra não é quem somos, mas de quem somos. Deus empregar-nos-á como instrumentos efectivos, mas tão somente quando o Seu trabalho de redenção, for primeiro terminado em nossos corações.

Em 1910 o número de membros da Igreja Adventista era um pequeno grupo do 104.500 espalhados pelo mundo. Mas hoje o membro Adventista está confiadamente no meio de uma Igreja mundial que conta 1.362.775 crentes (em 1962). Isto é, mais do que 13 vezes o número de membros de há 50

anos. Hoje há 1 Adventista do Sétimo Dia por cada 2.200 pessoas no mundo, enquanto que em 1910 a razão era de 1 por cada 13.600. Por outras palavras, a densidade adventista do mundo cresceu seis vezes mais depressa do que a população mundial.

Irmãos, embora nos sintamos gratíssimos por estes ganhos nas décadas passadas, verificamos contudo que se deve dar um aumento de ritmo. As conversões ao Adventismo devem ser grandemente aceleradas, e isto acontecerá quando compreendermos, pela graça de Deus, que estamos a ser a «última geração na terra».

Hoje vemos evidências de grande aceleração na operação do plano de Deus. Há indícios positivos de que o Senhor está a derramar agora o Seu Espírito sobre toda a carne (Joel 2:28).

Pensai um instante no avanço maravilhoso da nossa Obra na Coreia. Tradicionalmente, durante mil anos, o povo da Coreia seguiu o Budismo como religião, mas hoje um moderno Livro dos Actos está a ser escrito pelos Adventistas na Coreia. O Senhor outorga à igreja do mundo uma viva demonstração do que se pode esperar quando o Espírito Santo manifesta o Seu poder para converter os corações.

Há poucos anos atrás a guerra da Coreia interrompeu a nossa Obra. Tiveram de fugir diante dum exército em marcha e espalharam-se por toda a parte em procura de segurança. Alguns perderam a vida. Mas, como na Igreja nascente, quando a perseguição veio sobre eles, eles «andavam dispersos e iam por toda a parte anunciando a palavra» (Actos 8:4). Membros leigos, humildes e tementes a Deus, estão reunindo em volta de si centenas e milhares de pessoas interessadas. Estes novos crentes seguem a Escola Sabatina cada semana.

Durante os passados cinco anos (1959-1963) houve um aumento médio de 3.000 membros da Escola Sabatina em cada trimestre destes anos.

Grande crescimento da Obra na Coreia

C. H. Davis, até há pouco Presidente da União Coreana, escreve: «Depois

de 50 anos de trabalho (1904-1953) nós tínhamos 13.900 membros nas nossas escolas Sabatinas». Mas em 1959, só em seis meses tínhamos um aumento de membros avaliado em 13.599.

No fim da II guerra mundial tínhamos quatro Igrejas e grupos na região de Seoul. Hoje este número aumentou para mais de 40 Igrejas e grupos em Seoul com um número de membros de 10.000. Centenas de colportores mantêm as oficinas da Casa Publicadora *Os Sinais dos tempos*, em movimento de dia e de noite, e ao escrever estas linhas a nossa revista mensal «Os Sinais dos Tempos» goza de maior circulação do que qualquer outro magazine, religioso ou secular, agora publicados na Coreia. Certamente o Senhor está a «restituir os anos que foram consumidos pelo gafanhoto», na Coreia.

A última notícia da Divisão Australásia é também animadora. Esta Divisão tem agora um Adventista do Sétimo Dia por cada 120 habitantes. Cremos que esta é a proporção mais alta de Adventistas em relação à população de qualquer outro campo do mundo. Numa Ilha da Nova Guiné, o número de membros da Escola Sabatina quase duplicou, nos passados quatro anos. Há agora bem mais de 40.000 membros da Escola Sabatina na Nova Guiné e no território Papua.

Recentemente, as autoridades britânicas nas Novas Hébridas convidaram os nossos missionários Adventistas a estabelecer uma estação missionária mesmo no meio dos «Grandes Nambus» — homens selvagens de Mekula que, apesar do avanço da civilização, ainda não foram contactados. Ao escrever acerca desta proposta, feita por oficiais do governo, R. R. Frame, secretário da Divisão Australásia, menciona que há 40 anos Norman Wuiles deu a sua vida em serviço missionário na área dos «Grandes Nambus». Será outra maravilhosa vitória para a Causa de Deus se uma das últimas fortalezas do paganismo nas Novas Hébridas puder ser vencida. «Sem dúvida, esta fortaleza do paganismo será conquistada para Deus pela mensagem da breve Vinda de Cristo».

Na América do Sul os 5.399 obreiros estão unidos aos 128.116 membros da Igreja para enfrentar o maior repto que jamais foi apresentado neste continente. Por meio de um programa evangelístico bem estabelecido, um grande impulso para levar avante a obra de evangelização foi lançado, orientado para as duas maiores regiões da América do Sul — uma para as grandes cidades da área do litoral e a outra pelo «mato verde». Deus ajudou-nos muito em ambas áreas.

O Irmão James Aitken, Presidente da Divisão Sul Americana, escreve: «Na grande Metrópole de S. Paulo, há agora 10.000 Adventistas do Sétimo Dia, e através do continente, na região do Alto Amazonas, um novo avião «Helio Corrier», que tem por base a cidade de Pucalpa, no Perú, chamado o «Fernando Stahl», está agora a ser usado para levar avante o trabalho no espírito do pioneiro Pastor Stahl. Este avião cruza os ares sobre novos territórios, com missionários, professores, médicos, e enfermeiras. Este novo meio de transporte para o «inferno verde» está sem dúvida abreviando a terminação da Obra de Deus.

Na Alemanha Ocidental os irmãos desenvolvem um plano único, ligando o Pastor ao Colportor na evangelização de casa em casa. Os contactos são estabelecidos, e a literatura é colocada nos lares. Os resultados têm sido dos mais compensadores.

Novos membros leigos da Igreja na Polónia comprometeram-se a cuidar do bem-estar espiritual das Igrejas e assim libertam o Obreiro para este se dedicar completamente à Evangelização. Deste modo pensam poder atingir rapidamente os 30 milhões de habitantes da Polónia.

Escolas Sabatinas Anexas no México

Organizar Escolas Sabatinas Anexas é assunto de primeira ordem agora na Inter-América. Recentemente numa convenção do departamento na União Mexicana os delegados prometeram, sob a orientação do Espírito do Senhor, iniciar 14.175 novas Escolas Sabatinas Anexas no México, antes da próxima sessão da Conferência Geral.

É assim poderíamos continuar a enumerar as providências de Deus como elas são vistas na nossa Obra por muitos países. Basta dizer que nunca testemunhamos, num século de Adventismo, tal impulso no nosso trabalho sob a influência do Espírito Santo, como estamos a testemunhar agora.

Ao escrever estas linhas, 5 das nossas Divisões ultrapassaram já a cifra dos 100.000 em número de membros baptizados (estatística do 3.º Trimestre de 1963). Estas Divisões são: a Trans-Africana, 210.057; Inter - Americana 170.292; Extremo-Oriente, 146.773; Sul-Americana, 131.533 e Sul-Europeia, 113.533. O número de observadores do Sábado na Divisão Trans-Africana está agora à cabeça do campo mundial, tendo ultrapassado em número de membros a Divisão Norte-Americana.

Quando será terminada a Mensagem? «Ela, (a Vinda do Senhor) não demorará depois da mensagem ser levada a todas as nações, línguas e povos». — *Evangelismo* pág. 697. Ao aproximar-nos da grande hora culminante somos advertidos que o trabalho andará «com uma rapidez que surpreenderá a própria Igreja» — *Mensagens Selectas*, liv. 2.

Ezequiel viu uma luz brilhante com a velocidade do relâmpago movendo-se entre os seres viventes (Ezeq. 1:13-14, versão Almeida revista). «A luz brilhante andando entre os seres vivos com a velocidade do relâmpago representa a velocidade com que o trabalho por fim irá avante até à sua terminação» — *Test.* Vol. 5 pág. 754.

Oh! Que hora de alegria para o povo de Deus! É uma hora admirável, hora de vitórias e de triunfo final. Tal hora pede dedicação completa, devotação de todo o coração para terminar a Obra.

Lembrai-vos, companheiros na fé, que o horário dos acontecimentos do último dia nos leva à terminação da Obra, dependerá da prontidão do povo remanescente de Deus em trazer as suas vidas e actividades em conformidade com a vontade de Deus, para que Ele possa «executar a Sua Palavra, na terra, terminando-a e abreviando-a».

Deus é o nosso amo e Senhor

por L. C. Naden

A bíblia expressa verdadeira máxima ao declarar: «Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida» (Job 2:4). Que gloriosa bênção é a vida! «É bom estar vivo», dizemos. Apesar de todas as tragédias da vida, a maior parte do povo quer viver.

Que os homens dão tudo pela vida, isto é bem demonstrado pela experiência dos Egípcios durante os sete anos de fonte que assolaram o Egipto nos dias de José. Lemos a este respeito em Gén. 41:15-57; 47: 13:26. Este relato mostra o que os homens estão dispostos a fazer quando estão postos em frente da fome e da morte.

Primeiro, o povo desfez-se de todo o seu dinheiro a fim de obter alimento. Depois trocaram o seu gado, suas casas, seus rebanhos pelo pão e, finalmente, chegados ao fim dos seus recursos, disseram a José:

«Porque morremos?... Compra-nos a nós e a nossa terra por pão e nós e a nossa terra seremos de Faraó... para que vivamos, e não morramos» (Gén. 47:19).

Então José disse: «Eis que hoje vos tenho comprado a vós e a vossa terra para Faraó; eis aí tendes sementes para vós, para semeardes a terra. Há-de ser, porém, que das colheitas dareis um quinto a Faraó, e as quatro partes serão vossas, para semente do campo e para vosso mantimento... E disseram eles: a vida nos tens dado... seremos servos de Faraó» (Gén. 47:23-25).

Os egípcios naquela altura estavam enfrentando a fome e a morte, e debaixo destas circunstâncias estavam dispostos não só a sacrificar todas as suas posses, mas também a entregar-se como escravos, a fim de poder viver.

Por este sistema de arrendamento de fazenda, introduzido por José eles foram obrigados a trazer a Faraó a quinta parte dos seus proventos, isto é, vinte alqueires de semente por cada cem obtidos. E isto fizeram, contentes, porque a sua vida tinha sido salva.

Estou certo de que, se tivéssemos que enfrentar a fome e a morte, aceitaríamos de boa vontade um arranjo semelhante da parte de qualquer benfeitor. E contudo tal experiência é bem típica da nossa situação hoje. Se é verdade, geralmente falando, que a nossa vida não tem sido ameaçada pela fome e falta de pão, cada um de nós já arriscou a sua vida e incorreu em perda eterna. Porque «o salário do pecado é a morte» — morte eterna, e e nenhum de nós é capaz de impedir tão terrível consequência.

Mas Jesus, graças a Deus, remiu-nos; Ele comprou-nos de novo, resgatou-nos da morte. O apóstolo S. Paulo lembra-nos isto: «Não sois de vós mesmos», ele escreve...

«Fostes comprados por bom preço» (I Cor.

6:19-20). E este preço, S. Pedro declara que é «O precioso sangue de Cristo» (I Ped. 1:19).

Deus possui os nossos bens

Deus é o possuidor das nossas vidas, mas que há a respeito das nossas posses? Deus afirma serem todas d'Ele «a prata e o ouro» (Ageu 2:8), «todo o animal da selva e as alimárias de montanhas» (Sal. 5:10, «terra e a sua plenitude» (Sal. 24:1). Neste caso, quanto nos pertence realmente? Deste modo, nada, a menos que Deus no-lo tenha dado! Dizemos possuir isto ou aquilo, na realidade não possuímos nada. Somos apenas mordomos dos bens de Deus. David reconheceu amplamente isto, quando ele disse a Deus: «Porque tudo vem de Ti e na Tua mão To damos» (I Cron. 29:14). Investiguemos mais adiante esta dívida com Deus. Começamos a vida sem absolutamente nada. «Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele». (II Tim. 6:7).

Alguns anos atrás quando uma pessoa muito rica morreu em nossa localidade, muita gente ansiava saber em quanto a sua fortuna importava. Quando a cifra ficou patente, alguém inocentemente perguntou: «Quanto deixou ele?».

«Tudo», foi a pronta resposta. Quão verdadeiro isto era! Nada trouxe para este mundo e nada podia levar dele.

É bom lembrar-nos de que tudo quanto temos usufruído vem da bondosa mão de Deus. É Ele que nos dá a vida e a respiração (Act. 17:25), o pão e o vestido (Deut. 10:17-18); e, tendo isto o apóstolo S. Paulo nos diz: «... estejamos com isso contentes» (I Tim. 6:8). Assim desde o princípio reconhecemos que somos devedores a Deus pela nossa própria existência. A isto deve acrescentar-se o alimento e o vestir que também Deus nos concedeu. É Deus que derrama estas bênçãos sobre nós. «... é Ele que te dá a força para adquirir poder» (Deut.8:18).

Os nossos irmãos lavradores verificam que depois de terem lavrado e fertilizado os seus campos e lançado a semente, não podem fazer mais nada para produzir uma boa colheita. A germinação da semente é um acto de Deus. Mesmo depois dela brotar, sem sol e a chuva, que ambos Ele dá (Mat. 5:44-45), as suas ceifas seriam um malogro total. Assim vemos que Deus é o autor de «todo o dom perfeito e de toda a graça excelente». Seríamos acaso menos devedores a Deus do que os Egípcios a José e a Faraó? Somos devedores de infinitamente mais! Deus salvou as nossas vidas, não só para este momento, mas para a eternidade.

Uma renda é razoável

Os Egípcios foram obrigados a reconhecer serem possessão de Faraó, não só pelo seu serviço obediente, mas ainda para trazer-lhe 20 por cento de todos os seus proventos. Este princípio é reconhecido em todo o mundo hoje. Um proprietário requer do seu rendeiro uma renda em troca do uso da sua propriedade. Isto é razoável, justo e próprio, e é o que Deus espera de nós, por ser nosso divino proprietário.

A sua ordem a este respeito encontra-se em Malaq. 3:10-11; «Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal que dela vos advenha maior abastança. E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo vos não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.»

José pedia 20 por cento do fruto do labor dos Egípcios, mas Deus pede apenas metade desta quantia, tão sómente 10 por cento, ou um dízimo. Então Ele promete magnífica bênção ao fiel.

Por vezes encontramos aqueles que não compreendem exactamente o que deve ser dízimo. Alguns fazendeiros, por exemplo, apenas dizem os produtos da fazenda que eles vendem. Mas em casa, para o conforto e o sustento deles e das suas famílias, gastam os produtos da fazenda, tal como: ovos, manteiga, leite, lenha, legumes e frutas, que muitas vezes não são tomados em conta. Mas não deviam estes artigos ser dizimados, tanto como os que são vendidos?

Alguns assalariados fazem a pergunta: Devo descontar o meu dízimo antes ou depois de pagar o meu imposto profissional? O conselho da Igreja para tais é de ser fiéis primeiro a Deus e pagar o nosso dízimo sobre o nosso rendimento total antes de fazer quaisquer descontos.

Quando deve ser pago o dízimo?

Quando deve ser pago o dízimo? A maioria dos nossos membros de Igreja reconhece que a força e o desenvolvimento da nossa Obra depende de um afluxo regular e constante, e assim pagam os seus dízimos tão cedo, quanto podem. Quando recebemos os nossos vencimentos, tais como salários semanais, devemos pagar os nossos dízimos ao receber os nossos pagamentos. Alguns homens de negócios e lavradores pagam quantias regulares cada semana ou mês, até estarem aptos, no fim do ano financeiro, a poderem avaliar o seu rendimento líquido, e neste momento fazem os ajustes necessários. Pertence ao indivíduo, porém, particularmente no caso extraordinário em que o pagamento do imposto incide sobre um escalão de alta percentagem, determinar conscienciosamente quanto e como o seu dízimo deve ser pago. Todos reconhecemos o facto de que Deus requer que paguemos o

dízimo prontamente no seu tesouro, na primeira oportunidade.

Outros ainda há que pensam não estar ao seu alcance pagar o dízimo. A todos estes que-riamos dizer, na luz da Palavra de Deus e nas promessas contidas em Malaquias 3:9-11, que não é lícito a nenhum membro da Igreja Remanescente roubar a Deus e ser amaldiçoado por Ele por não pagar fielmente o dízimo.

Não deixemos de estar admirados pela fidelidade do povo de Deus por todo o mundo ao pagamento do dízimo. Se todos soubéssemos os resultados maravilhosos que nos vêm da fidelidade nos dízimos, e o poder de reclamar as promessas de Deus quando o devorador ou o destruidor está às portas ou nos limites de certas fazendas, não haveria espaço para relatar o cuidado providencial de Deus para com os seus filhos.

Disse um estadista cristão da nossa época: «O dinheiro que com todo o direito pertence a Deus, mas que é retido longe d'Ele por Seu povo, é provavelmente o maior impedimento para a espiritualidade vital que há no mundo de hoje.» Bênçãos são prometidas ao cristão genuíno que pagar a Deus o primeiro décimo dos seus ganhos, — bênção não só financeira, mas também física e espiritual.

Os Adventistas e os dízimos

Foi no ano 1858 que a atenção dos Adventistas do Sétimo Dia foi chamada, pela primeira vez, para o princípio dos dízimos. No inverno de 1859-1860, o Pastor J. N. Loughborough introduziu o assunto em várias Igrejas no estado de Michigan. Ele relata que num lugar em Montcalm County, todos aceitaram o plano, menos um irmão que disse: «Eu tenho uma dívida, sobre a minha fazenda, 350 dólares. Procurei por vários anos liquidar esta dívida, mas não pude. Nem sequer consigo receber dinheiros que também me devem, e não vejo como posso comprometer-me a pagar um décimo do meu rendimento. Creio que o princípio está certo, mas não-de desculpar-me não poder pagar um décimo.»

Deste modo ele não fez nenhuma promessa, e assim o assunto ficou até ao princípio da Primavera. Ele não adiantou nada no pagamento das suas dívidas, mas estava cheio de perplexidade, desejando estar em harmonia com os seus irmãos. Começou então as suas lavras da Primavera do outro lado da estrada, perto da casa do tesoureiro da Igreja.

De repente veio a ele tão claramente como se fosse uma voz audível o seguinte: «Estás sempre aborrecido por causa da tua vida, das tuas dívidas, mas há uma dívida maior que deves ao Senhor e à qual não prestas atenção.»

Isto fez tal impressão sobre ele que imediatamente foi à casa do tesoureiro e tomou junto dele o mesmo compromisso que outros irmãos haviam tomado. «Logo naquela altura, disse ele,» todo o aborrecimento por causa das dívidas me abandonou, e voltei para o meu trabalho como um homem feliz, com a certeza no meu espírito de que dívidas e dízimos se resolveriam ambas muito bem.»

Mal tinha passado um dia depois disto, que homens que lhe deviam dinheiro há muito, começaram a visitá-lo e sem que ele nada lhes pedisse pagaram-lhe as suas dívidas, algumas das quais ele nunca mais pensava receber. Este irmão, contando mais tarde a sua experiência disse: «Há poucas semanas que comecei a pagar o dízimo no tesouro da Igreja, todas as pessoas que me deviam alguma coisa começaram a pagar-me; as dívidas que eu tinha já estão todas pagas, e tenho algum dinheiro no bolso.»

Uma experiência da Austrália

Nas montanhas de West Gipsland, no estado de Victória na Austrália, aninha-se a cidade madeireira de Noojee, no vale do alto rio Latrobi. Ali está o lar de um casal Adventista com a sua bela família de três pessoas. Este irmão é cortador de madeira e antes de ser convertido era católico romano. Ele e a sua família são a única luz brilhando em favor da Verdade numa comunidade de árduo trabalho e duro viver, ali o Senhor os honrou pela sua fidelidade nos dízimos e nas ofertas, de uma maneira notável.

Este bom irmão possui um campo perto da cidade onde ele cultiva batatas e outras novidades, nos seus ócios. O ano passado, ele decidiu que, a mais dos habituais dízimos dos produtos, ele também dedicaria uma porção do seu campo exclusivamente à Obra do Senhor, e o produto total desta porção seria um alegre e feliz contributo para os tesouros do Senhor.

Depois das novidades semeadas, a estação decorreu seca, e por toda a parte as novidades se estavam a queimar sob o impiedoso sol do estio; mas no campo em que o Deus do céu partilhava o produto, a colheita foi abundante, apesar de seca.

Enquanto os frutos e as hortaliças cresciam e prosperavam, um cultivador de reputação internacional com a especialidade de sementes em variedade de melões, tomou um vivo interesse no campo do nosso irmão. Ele declarou que o solo cinzento e ácido do talhão em que este irmão cultivava os melões, era absolutamente impróprio para cultivo desta espécie, mas que, enquanto o campo deste fiel Adventista prosperava e produzia em profusão, o seu próprio campo, cultivado em condições ideais, tinha dado apenas um fraco resultado. Este homem experimentou até pessoalmente o solo do campo do nosso irmão e não pode perceber como tais resultados vieram a ser obtidos. Tinha sido ele próprio a vender as sementes de melão ao nosso irmão e tinha plantado o campo dele com sementes do mesmo lote, com fracos resultados, enquanto a a parte em que o Senhor tinha interesse produziu abundantemente. Ele comprou então ao nosso irmão todos os seus melões para o seu negócio mundial de sementes.

Este testemunho não passou despercebido na comunidade «Ele não pode estar enganado» disse um dos seus vizinhos. «Tudo quanto ele faz não pode deixar de prosperar.»

Sem dúvida, fidelidade nos dízimos e nas ofertas traz no seu caudal uma multidão de bênçãos que «Não haverá lugar bastante» para as receber. (Malaq. 3:10.)

Quinta-Feira, 22 de Novembro de 1964

Buscai o Livro do Senhor

por Enoch Oliveira

A vida de S. Agostinho era atormentada por amargo conflito que movia o seu espírito e sacudia o mais fundo da sua alma. No seu coração a vontade de triunfar sobre a impureza pugnava contra o desejo de satisfazer a luxúria de carne. Em meio da parte mais árida batalha, assaltado de angústia e perplexidade, a sua consciência foi despertada por uma voz que dizia: «toma êle».

Ele tomou o livro que estava perto e, abrindo-o leu as divinas palavras: «Andemos honestamente, como de dia, não em glotonarias, nem em bebedices, nem em desonestidades nem em dissoluções, nem em contendas e inveja; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências». (Rom. 13-14). «Estes versículos», disse S.º Agostinho, «inundaram o meu coração com abundante luz, e as trevas do pecado foram banidas».

Quão espantoso e extraordinário é o poder deste livro!

No princípio do reinado de Josias o povo

de Judá estava passando por um período de grave crise espiritual. Por muitos anos o Livro da Lei tinha sido ignorado e o povo estava privado da sua orientação e ensino. Sem a influência santificante da Palavra Escrita, Judá apartou-se de Deus para seguir o curso vicioso da idolatria.

Um dos primeiros actos de Josias ao subir ao trono, foi a restauração e a purificação do Templo abandonado. Hilquias, o sumo sacerdote, enquanto vigiava a obra de restauração do santuário, acidentalmente achou numa das câmaras do velho edifício, o livro da Lei, que por muitos anos esteve perdido. Esta preciosa descoberta revolucionou a vida da nação.

Segurando o livro da Lei em sua mão e com o coração profundamente comovido, o piedoso rei de Judá «subiu à casa do senhor e com ele todos os homens de Judá e os moradores de Jerusalém, e levou aos ouvidos deles todas as palavras do livro... e o rei se pôs em pé junto à coluna e fez concertos perante o Senhor, para andarem com o

Senhor e guardarem os Seus Mandamentos... com todo o coração e toda a alma, confirmando as Palavras deste concerto, que estavam escritas naquele livro» (II Reis 23:2-3).

O rei tomou o livro e leu-o diante do povo, a influência transformadora da Palavra Divina foi sentida de uma maneira extraordinária na terra de Judá. Houve completa expulsão de tudo quanto desagradava ao Senhor. Feiticeiros, advinhos, ídolos e imagens, assim como todas as abomináveis práticas do paganismo foram proscritos, por não se harmonizarem com as instruções contidas no manuscrito que tão providencialmente fora achado por Hilquias.

Aqui é manifesto o maravilhoso poder do Livro de Deus na vida de uma nação! Sem ele, os homens tornam-se corruptos, erram longe do caminho da justiça; com ele, arrependem-se e voltam para o Senhor, suplicando perdão.

A espada do espírito no combate contra a apostasia

Passam os séculos, e as extensas sombras da apostasia medieval envolveram as nações. Qual corrente cristalina jorrando dos montes do tempo, a cristandade tornou-se contaminada, perdendo a sua pureza original em contacto com a poluição do paganismo. Tradições humanas invalidaram a primazia do Livro Divino. O Evangelho Eterno foi falsificado. A Lei de Deus foi adulterada; tradições e ensinamentos dos homens foram exaltados.

Em meio das trevas do erro, da superstição e da intolerância, a Reforma eclodiu, sacudindo até aos alicerces os fundamentos da Escolástica.

Como campeão da verdade, Martinho Lutero tomou arrojadamente o Livro esquecido, que por séculos tinha sido escondido em recantos de mosteiros e catedrais, e proclamou seus gloriosos ensinamentos.

Há um poder extraordinário neste venerando Livro para a batalha contra a apostasia e as forças do mal!

O Povo da Bíblia

Experimentei um dos momentos mais comovedores da minha infância quando mudámos de uma pequena aldeia para uma grande metrópole. No primeiro Sábado que passámos naquela grande cidade, procurámos achar a igreja mais perto da nossa casa afim de poder usufruir a bênção de adorar na companhia de outros crentes.

Tínhamos em mão a direcção da Igreja, contudo isto não era suficiente claro. Sabíamos estar nas proximidades da Igreja e mesmo assim não conseguíamos localizá-la. Perguntámos a diferentes pessoas, mas elas não conheciam uma Igreja Adventista nesta parte da cidade. Parecia ser impossível encontrar pessoa alguma capaz de orientar-nos. Finalmente demos com um homem de cabelo branco, que respondeu: «Eu sei que perto daqui está a Igreja da Bíblia. É nesta mesma rua».

Sim, era uma Igreja Adventista. Naquela cidade, como em muitos outros lugares no Brasil, os Adventistas são conhecidos como a Igreja da Bíblia.

Com este título eles tributam involuntariamente homenagem ao amor e devoção que, como igreja, sentimos para com o Livro de Deus.

Este apreço pelo Livro inspirado é a gloriosa herança recebida dos devotados pioneiros do Movimento Adventista.

A Influência do Livro no Movimento Adventista

A Igreja Adventista nasceu com a Bíblia na mão. Depois do desapontamento de 1844, a fé e a paciência do povo adventista foram duramente postas à prova. Na sua necessidade, os Adventistas voltaram-se para as Escrituras afim de receber delas a força necessária para suportar a crítica e o escárnio do mundo irreverente e zombador.

O tempo anunciado para a vinda do Senhor tinha passado. Milhares, dominados pelo desânimo, renunciaram à «bem-aventurada esperança». Mas os fiéis e sinceros voltaram-se para o Livro de Deus e ao estudá-lo foram reconfortados. A sua esperança foi renovada, depois de ler as palavras do profeta: «Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até o fim falará e não mentirá. Se tardar, espera-o; porque certamente virá e não tardará». (Habac. 2:3).

Os que com zelo e oração tornaram a estudar a Bíblia acharam palavras de encorajamento em perseverar na fé do Advento. «Não rejeiteis pois a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de ter feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará. Mas o justo viverá da fé; e se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele. Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma». (Hebr. 10:35-39).

Com que fervor saudavam eles o divino Livro! «Muitas vezes», escreve a mensageira do Senhor, «ficávamos até tarde na noite, e por vezes pela noite inteira, orando por luz e estudando a Palavra». — Ellen G. White, *Mensagem à Igreja Remanescente* pág. 38.

Assim, em meio das perplexidades e provas daqueles dias tormentosos o Movimento Adventista emergiu com o Livro de Deus na sua mão, proclamando triunfantemente o evangelho restaurado e a volta iminente de Jesus.

Mas estaremos nós agora a tributar à Bíblia a mesma devoção que caracterizou a Igreja no seu período de formação?

Se fosse possível, Satanás debilitaria este movimento, transformando-o numa denominação popular, com uma Bíblia coberta de pó sobre os púlpitos, ou perdida entre outros livros nos lares adventistas.

Advertindo-nos contra os ricos que resul-

tariam do abandono da Bíblia, o Senhor nos exorta; «Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, são elas que testificam de mim» (João 5:38).

Segundo Barnes «A palavra traduzida por examinar aqui significa buscar diligentemente ou ansiosamente... significa uma investigação fiel, diligente e ansiosa».

«Como o mineiro, cavando a terra, descobre os filões do precioso metal, assim aquele que busca perseverantemente a Palavra de Deus como um tesouro escondido, encontrará verdades do mais alto valor que escapam à vista do investigador descuidado. As palavras inspiradas, meditadas no coração, serão como torrentes que brotam do manancial da vida». *Aos Pés de Cristo* pag. 98, 3.^a Ed.

PORQUE DEVEMOS SONDAR AS ESCRITURAS?

1. Porque precisamos de conforto na tribulação.

O editor dum jornal de grande influência, numa grande cidade, enviou uma circular para cem pessoas de alta posição social — membros do parlamento, professores universitários, escritores, e homens de negócios, convidando-os a responder às seguintes perguntas: «Se tivésseis que passar um período de três anos numa penitenciária, e pudésseis levar só três livros, quais seriam os livros da vossa escolha? É favor mencioná-los por ordem de importância».

Poucas destas pessoas eram conhecidas como religiosas. Contudo, 98 deles escolheram o mesmo livro em primeiro lugar — a Bíblia. Evidentemente que eles sabiam que nenhum outro livro daria o conforto e a consolação em tempo de prova e aflição.

«Porque tudo o que dantes foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança» (Rom. 15:4). Quantas vezes, nas horas mais amargas da vida, achamos no santo Livro conforto e paz! Quantas vezes, quando nuvens escuras cobrem o céu da nossa esperança, as Escrituras levantam o nosso espírito!

2. Porque necessitamos de fortalecer a nossa fé.

A vida de fé de Jorge Muller é bem conhecida. Ele não pedia auxílio de outros, mas continuamente pedia ao Senhor. Centenas de noites, ele ia para a cama sem nada ter em casa para comer no dia seguinte, ele e os seus órfãos. Quando alguém lhe perguntou quantas vezes foi capaz de dormir, ele respondeu: «Sempre». O número de órfãos entregues a seu cuidado chegou por vezes a dois mil.

Quando um amigo lhe perguntou o segredo da sua fé, Jorge Muller ergueu a Bíblia e dis-

se: «Eu tenho lido este livro inteiramente cem vezes. Eu conheço o Livro, e conheço também o Deus do Livro».

Quando R. A. Torrey começou o seu ministério, decidiu que precisava de mais fé afim de cumprir grandes coisas para o reino de Deus. Procurou adquirir esta fé pelos seus próprios esforços, mas falhou. Só então ele descobriu que «a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus».

Devemos cultivar a nossa fé pela leitura da Palavra de Deus cada dia. Esta nos tornará invencíveis na hora da provação.

3. Porque precisamos de nutrir a nossa alma.

Alguns anos atrás, grandes ventos acompanhados de enormes tempestades, deitaram abaixo milhares de árvores numa fazenda de experiências agrícolas. Estas árvores tinham sido nutridas artificialmente, e por causa disso, não possuíam raízes fundas. Não puderam resistir à fúria dos elementos.

Entre nós há aqueles que dependem tão somente dos alimentos que recebem no culto público. Não tomam tempo, em casa, para nutrir as suas almas da Palavra de Deus. Não desenvolvem raízes fundas. Muito em breve uma grande tempestade virá sobre o povo de Deus. Somente aqueles que fortaleceram o espírito nas verdades das Escrituras, poderão permanecer de pé.

«Os que sinceramente buscam o conhecimento da verdade, e se esforçam em purificar a alma em obediência, fazendo assim o que podem afim de se preparar para o conflito, encontrarão refúgio seguro no Deus da verdade. 'Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei' (Ap. 3:10), é a promessa do Salvador». — O Conflito dos Séculos, págs. 411-412.

4. Porque precisamos de poder para vencer o mal.

Um dos primeiros versículos da Bíblia que eu aprendi em criança aponta para a importância das escrituras na batalha contra o pecado. «Escondi a tua palavra no meu coração para não pecar contra ti» (Salmo 119:11). Foi provavelmente este pensamento que levou Moody a escrever na primeira página da sua velha Bíblia: «Este Livro me guardará do pecado, ou o pecado me guardará deste Livro».

Nenhum cristão jamais triunfará sobre o poder do mal, se ele negligenciar o Livro de Deus. A mensageira do Senhor escreve: «Todo aquele que não buscar com zelo as Escrituras e não submeter cada desejo e propósitos de vida a este teste infalível, todo aquele que não buscar o Senhor em oração para o conhecimento da Sua vontade, afastar-se-á certamente do caminho recto para andar errante e cair sob os enganos de Satanás». — Testemunhos, vol. 5, pag. 192.

Hoje, como nos dias de Josias, necessitamos voltar ao Livro do Senhor. Quão oportuna é a exortação do profeta Isaías. «Buscai no Livro do Senhor e lêde» (Isaías 34:16)!

A vida mais abundante

por J. P. Sundquist

Jesus nunca envelhece. Ele nunca atinge o que hoje se chama meia idade. Tudo quanto lemos acerca d'Ele na Bíblia fala da sua vida e experiência como um homem novo, saudável e ousado. Os que se juntavam em volta d'Ele eram, na sua maioria, jovens cativados pela sua dedicação, pureza de vida e unidade de propósito.

Que grande injustiça a maior parte dos artistas têm feito a nosso Senhor! Vezes de mais têm-no retratado de rosto pálido e faces encovadas, dando mais aspecto de fraqueza do que de força. Eles esquecem de que havia aço nos músculos do nosso Senhor quando derubou as mesas dos cambistas no Templo, e que a sua própria aparência impunha respeito enquanto andava no meio da multidão que muitas vezes procurava fazer-lhes mal. Rapazes e meninas cobiçavam um lugar nos seus vigorosos joelhos, onde era tão bom sentar-se. Os olhos deles brilhavam com antecipação à vista do Homem bondoso e forte.

Quantas vezes a alegria de Jesus é lançada em segundo plano na descrição da Sua vida. Ele realmente conhecia o lado sombrio da vida, como é indicado na tragédia de muitos com quem lidou. A sombra da Cruz deu seriedade à vida inteira do Salvador, mas, a pena da inspiração diz-nos que: «A sua fisionomia não apresentava a expressão do do desgosto ou descontentamento, mas sempre a de inalterável seriedade. O Seu coração era um manancial de vida; e onde quer que fosse, levava paz e calma, contentamento e alegria». — *Aos Pés de Cristo*, pág. 131, 3.^a ed.

Sim, Jesus vivia vida abundante. Ele conhecia tão bem um sem-número de vidas dissipadas e muitas outras só parcialmente desenvolvidas. Ele conhecia os problemas e possibilidades que enfrenta a juventude que quer viver a vida e atingir o melhor dela. Para todos es-

tes Ele disse estas palavras maravilhosas:

«O ladrão não vem senão a matar e a destruir; eu vim para que tenham com abundância» (João 10:10).

Jesus não veio para roubar, destruir ou tornar mais pobre. Veio para enriquecer-nos. Infelizmente, muitos partilham a opinião do jovem que disse: «Jesus andou cerca de trinta anos dizendo: 'Não' à vida, à felicidade, e a tudo quanto dá prazer». Outros acreditam na menina que explicava que: «Ser cristão é pensar em tudo quanto é bonito, *mas não o fazer*».

Não acrediteis nisso.

Jesus veio para dar a vida. Vamos pensar sobre o que Jesus está preparando para nós.

Jesus dá um significado à vida

Primeiro de tudo, Jesus dá um significado à vida. Vivemos uma época de vozes confusas, de dúvidas cada vez maiores, em que se crê que nascemos por acaso, que Deus não tem nenhum plano para as nossas vidas, que não temos contas o dar a ninguém senão a nós próprios. Na nossa época é considerado bom tom duvidar das verdades dos velhos tempos. Não é pois para admirar que a juventude desiludida procure um meio de encurtar e acabar com isto tudo.

Alguns anos atrás, quando estava trabalhando com a juventude numa cidade da Suécia, o meu telefone tocou altas horas da noite. Numa voz aborrecida alguém me disse que um jovem estava caminhando para fora da cidade com o fim de acabar com a vida. Influenciado pelo mau exemplo dum jovem poeta que tinha sido encontrado morto numa colina fora da cidade, com um frasco de veneno vazio, este jovem tentou escapar ao desespero duma

vida sem significado, encurtando-a com alguns comprimidos mortais.

Recordo-me a procura ansiosa para achá-lo. Finalmente achámo-lo. Tinha boa aparência, era inteligente, forte, e não tinha aborrecimentos financeiros. Ele parecia ter tido um bom princípio de vida; mas estas coisas não eram suficientes. Esta experiência revela a muitos que a vida é extremamente vazia de sentido sem Jesus.

A maioria dos jovens não recorre a medidas tão drásticas como este rapaz, mas certamente que é trágico gastar preciosos anos numa vida pecaminosa, ou procurando tornar-se alguém digno de respeito neste mundo, sem pensar no que vem a seguir. «Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo se perder a sua alma?» (Marcos 8:36).

Enquanto vivíamos na cidade do Cabo, na África do Sul, tínhamos um vizinho que enviava pombos-correios. Muitas vezes admirávamos estas aves tão interessantes. Elas achavam infalivelmente o seu caminho para casa. O dono disse-nos como, em certas épocas do ano, ele tomava aves novas e as transportava, num cesto fechado, para um lugar a 60 ou 80 km de distância, e então ali soltava-as. Ele falou-nos do estremecimento que sentia ao observar os pombos um instante para tomar sentido na direcção, e então, por algum poder além da compreensão humana, achavam o seu verdadeiro rumo e voavam direitos para casa.

Vimos algumas vezes as aves chegarem a casa, e fomos levados a pensar no estremecimento muito maior que chega ao coração de Deus, quando um joven, entre os espantosos impulsos da vida, sente o arranque da eternidade, descobre o verdadeiro significado da vida, e compreende que os anos passados na terra são tão somente o princípio de uma vida mais elevada na presença de Deus.

Enquanto outros andam à roda sem propósito, e discutem o valor da vida em si, Jesus nos ajuda a atingir o pensamento maravilhoso de que somos súbditos do reino de Deus, e temos por destino o nosso Lar Celeste.

Enquanto milhões duvidam ou negam a verdade da Criação Divina e

um destino divinamente marcado sabemos por Jesus Cristo, que o nosso fim está em Deus porque o nosso princípio foi com Deus. Que maravilhosa fé podemos abraçar! Como ela dá sentido a cada minuto do nosso tempo!

O nosso vizinho disse-nos como mais tarde ele levou os pombos até 900 km de casa. Com a mesma exactidão eles acharam o seu caminho de volta. Através das tempestades, ventos contrários e perigos ocultos, eles voavam velozes, ansiosos de alcançar a casa. Que alegria deve trazer ao coração de Deus ver-nos apesar de nascidos fora do Seu Paraíso, mesmo assim ansiar pelo nosso lar celeste, arrostando com os perigos e ventos contrários do mundo hostil, seguindo o verdadeiro rumo para o Lar do Céu, porque Jesus deu sentido à nossa vida.

Jesus dá pureza à vida

«O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir» (João 10:10). Isto é a trágica verdade acerca do pecado. Satanás é o ladrão; ele rouba a pureza à humanidade. Ele trouxe condenação sobre nós, que estávamos para habitar na presença de Deus. «Se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus» (I João 3:21). Faltamos esta confiança em nosso estado natural. Como poderemos permanecer perante Aquele que é «tão puro de olhar que não pode ver o mal, e não pode olhar a perversidade?» (Hab. 1:13). Por meio de Jesus, nosso Salvador. Ele veio para dar-nos uma vida de pureza.

Muitas vidas são como a vara de Moisés, a qual, quando lançada ao chão tornou-se numa serpente tão temerosa que o próprio Moisés fugiu dela. Mas como o Senhor ordenou a Moisés que levantasse a serpente, e foi restaurada no seu propósito original como vara, assim podemos ser mudados quando permitimos a Deus lançar mão da nossa vida que tinha sido corrompida pelo pecado. Há alguém maior do que Moisés que nos eleva, muda e restaura as nossas vidas para preencher o seu propósito original de glorificar a Deus.

O que nem a legislação, nem a educação, nem os motivos mais sinceros

podem fazer, Jesus torna-o possível num instante. Aceitando a promessa de que «se confessarmos os nossos pecados ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça» (I João 1:9), podemos experimentar no seu mais pleno significado a oferta de Jesus: «Eu vim para que tenham a vida e a tenham com abundância» (João 10:10).

Jesus dá poder de vida

Na oferta que nos faz, Jesus está preparado não só a cuidar da culpa e da impureza do passado, mas ajuda-nos a viver no presente. «Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus» (João 1:12), «Poder vir a ser» haverá certeza mais bela em toda a Bíblia? O poder de vir a ser o que mais desejamos, simplesmente pegando na palavra de Jesus e entregando-se a Ele.

Quando S. Agostinho era um homem novo, manteve uma associação imoral com uma mulher. Mais tarde, converteu-se e a sua vida foi mudada. Repetidamente a mulher procurou fazê-lo voltar ao pecado, mas ele era firme na sua decisão de ser puro. Quando ela chamava o seu nome, ele fazia como se não ouvisse. Então ela disse: «Agostinho, Agostinho, não estás a ouvir-me? Sou eu!» A isto ele respondeu: «Mas já não sou eu». Um novo poder estava a controlar a sua vida. «Não mais eu, mas Cristo vive em mim» (Gal. 2:20).

Na sua maravilhosa oferta a todos os que desejam viver uma vida melhor, Jesus deseja partilhar connosco essa vida pura, forte e vitoriosa que o tornou a Ele capaz de ir ao encontro de cada dia com confiança até à morte sem medo. Como S. Paulo se glorificava pelo facto de conhecê-lo a Ele e ao poder da sua ressurreição.

Jesus entra com o poder da Sua ressurreição para efectuar uma vida completamente nova. Ele traz não só o poder de um exemplo inspirador, mas o Seu Espírito que habita em nós. Há poder no interior e poder no exterior. Deus «mais depressa enviaria todos os anjos do Céu para proteger o Seu po-

vo, do que deixaria uma alma que confia n'Ele, ser vencida, por Satanás. — O Conflito dos Séculos, pág. 560. Este poder está somente na oração.

Este novo poder será visível em nossos hábitos, em nossos recreios, na escolha dos livros que lemos, nos amigos que fazemos, nos lugares que frequentamos, nas modas que copiamos, nas canções que cantamos, nos programas de televisão que seguimos. Ele porá «um novo cântico em minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão, e temerão, e confiarão no Senhor» (Salmo 40:3).

O grande estadista inglês Disreali disse: «A vida é curta demais para não fazê-la grande» Jesus nos ajuda a fazê-la grande.

Sejam quais forem os vossos planos actuais, seja qual for a vossa posição, seja o que fizerdes como modo de vida, lembrai-vos que devemos ao mundo tudo quanto Cristo significa para nós. A mulher no poço de Samaria «deixou... o seu cântaro e foi à cidade» para falar ao povo, de Cristo (João 4:28).

Quão maravilhoso é ver jovens, que receberam dons inexcedíveis de perdão e restauração, ter a peito imediatamente testemunhar a favor dos seus amados. Aqui está o segredo de *guardar*, manter a nossa experiência. Devemos partilhá-la com mais alguém. Uma vela não precisa arder até metade para dar a sua luz. Desde o momento que ela está acesa, ela estará pronta para dar a sua luz a alguém.

Não há propósito mais alto do que levar uma alma a Cristo. A nossa necessidade era o maior desafio para o coração de Deus. A necessidade de outras pessoas pode ser o maior desafio ao nosso coração. Nenhum outro pode saber o valor duma alma tão plenamente como Jesus. Ninguém a buscou tanto tempo, nem a guardou tão esperançoso. É pode haver uma vida com maior objectivo do que cooperar com Deus em alcançar almas para o evangelho e encher o Céu com os remidos do Senhor? Este privilégio fazia o apóstolo S. Paulo escrever aos crentes em Corinto: «Eu de muito boa vontade gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas» (II Cor. 12:15). Quando ele

vida sem significado, encurtando-a com alguns comprimidos mortais.

Recordo-me a procura ansiosa para achá-lo. Finalmente achámo-lo. Tinha boa aparência, era inteligente, forte, e não tinha aborrecimentos financeiros. Ele parecia ter tido um bom princípio de vida; mas estas coisas não eram suficientes. Esta experiência revela a muitos que a vida é extremamente vazia de sentido sem Jesus.

A maioria dos jovens não recorre a medidas tão drásticas como este rapaz, mas certamente que é trágico gastar preciosos anos numa vida pecaminosa, ou procurando tornar-se alguém digno de respeito neste mundo, sem pensar no que vem a seguir. «Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo se perder a sua alma?» (Marcos 8:36).

Enquanto vivíamos na cidade do Cabo, na África do Sul, tínhamos um vizinho que enviava pombos-correios. Muitas vezes admirávamos estas aves tão interessantes. Elas achavam infalivelmente o seu caminho para casa. O dono disse-nos como, em certas épocas do ano, ele tomava aves novas e as transportava, num cesto fechado, para um lugar a 60 ou 80 km de distância, e então ali soltava-as. Ele falou-nos do estremecimento que sentia ao observar os pombos um instante para tomar sentido na direcção, e então, por algum poder além da compreensão humana, achavam o seu verdadeiro rumo e voavam direitos para casa.

Vimos algumas vezes as aves chegarem a casa, e fomos levados a pensar no estremecimento muito maior que chega ao coração de Deus, quando um joven, entre os espantosos impulsos da vida, sente o arranque da eternidade, descobre o verdadeiro significado da vida, e compreende que os anos passados na terra são tão somente o princípio de uma vida mais elevada na presença de Deus.

Enquanto outros andam à roda sem propósito, e discutem o valor da vida em si, Jesus nos ajuda a atingir o pensamento maravilhoso de que somos súbditos do reino de Deus, e temos por destino o nosso Lar Celeste.

Enquanto milhões duvidam ou negam a verdade da Criação Divina e

um destino divinamente marcado sabemos por Jesus Cristo, que o nosso fim está em Deus porque o nosso princípio foi com Deus. Que maravilhosa fé podemos abraçar! Como ela dá sentido a cada minuto do nosso tempo!

O nosso vizinho disse-nos como mais tarde ele levou os pombos até 900 km de casa. Com a mesma exactidão eles acharam o seu caminho de volta. Através das tempestades, ventos contrários e perigos ocultos, eles voavam velozes, ansiosos de alcançar a casa. Que alegria deve trazer ao coração de Deus ver-nos apesar de nascidos fora do Seu Paraíso, mesmo assim ansiar pelo nosso lar celeste, arrostando com os perigos e ventos contrários do mundo hostil, seguindo o verdadeiro rumo para o Lar do Céu, porque Jesus deu sentido à nossa vida.

Jesus dá pureza à vida

«O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir» (João 10:10). Isto é a trágica verdade acerca do pecado. Satanás é o ladrão; ele rouba a pureza à humanidade. Ele trouxe condenação sobre nós, que estávamos para habitar na presença de Deus. «Se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus» (I João 3:21). Falta-nos esta confiança em nosso estado natural. Como poderemos permanecer perante Aquele que é «tão puro de olhar que não pode ver o mal, e não pode olhar a perversidade?» (Hab. 1:13). Por meio de Jesus, nosso Salvador. Ele veio para dar-nos uma vida de pureza.

Muitas vidas são como a vara de Moisés, a qual, quando lançada ao chão tornou-se numa serpente tão temerosa que o próprio Moisés fugiu dela. Mas como o Senhor ordenou a Moisés que levantasse a serpente, e foi restaurada no seu propósito original como vara, assim podemos ser mudados quando permitimos a Deus lançar mão da nossa vida que tinha sido corrompida pelo pecado. Há alguém maior do que Moisés que nos eleva, muda e restaura as nossas vidas para preencher o seu propósito original de glorificar a Deus.

O que nem a legislação, nem a educação, nem os motivos mais sinceros

podem fazer, Jesus torna-o possível num instante. Aceitando a promessa de que «se confessarmos os nossos pecados ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça» (I João 1:9), podemos experimentar no seu mais pleno significado a oferta de Jesus: «Eu vim para que tenham a vida e a tenham com abundância» (João 10:10).

Jesus dá poder de vida

Na oferta que nos faz, Jesus está preparado não só a cuidar da culpa e da impureza do passado, mas ajuda-nos a viver no presente. «Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus» (João 1:12), «Poder vir a ser» haverá certeza mais bela em toda a Bíblia? O poder de vir a ser o que mais desejamos, simplesmente pegando na palavra de Jesus e entregando-se a Ele.

Quando S. Agostinho era um homem novo, manteve uma associação imoral com uma mulher. Mais tarde, converteu-se e a sua vida foi mudada. Repetidamente a mulher procurou fazê-lo voltar ao pecado, mas ele era firme na sua decisão de ser puro. Quando ela chamava o seu nome, ele fazia como se não ouvisse. Então ela disse: «Agostinho, Agostinho, não estás a ouvir-me? Sou eu!» A isto ele respondeu: «Mas já não sou eu». Um novo poder estava a controlar a sua vida. «Não mais eu, mas Cristo vive em mim» (Gal. 2:20).

Na sua maravilhosa oferta a todos os que desejam viver uma vida melhor, Jesus deseja partilhar connosco essa vida pura, forte e vitoriosa que o tornou a Ele capaz de ir ao encontro de cada dia com confiança até à morte sem medo. Como S. Paulo se glorificava pelo facto de conhecê-lo a Ele e ao poder da sua ressurreição.

Jesus entra com o poder da Sua ressurreição para efectuar uma vida completamente nova. Ele traz não só o poder de um exemplo inspirador, mas o Seu Espírito que habita em nós. Há poder no interior e poder no exterior. Deus «mais depressa enviaria todos os anjos do Céu para proteger o Seu po-

vo, do que deixaria uma alma que confia n'Ele, ser vencida, por Satanás. — O Conflito dos Séculos, pág. 560. Este poder está somente na oração.

Este novo poder será visível em nossos hábitos, em nossos recreios, na escolha dos livros que lemos, nos amigos que fazemos, nos lugares que frequentamos, nas modas que copiamos, nas canções que cantamos, nos programas de televisão que seguimos. Ele porá «um novo cântico em minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão, e temerão, e confiarão no Senhor» (Salmo 40:3).

O grande estadista inglês Disreali disse: «A vida é curta demais para não fazê-la grande» Jesus nos ajuda a fazê-la grande.

Sejam quais forem os vossos planos actuais, seja qual for a vossa posição, seja o que fizerdes como modo de vida, lembrai-vos que devemos ao mundo tudo quanto Cristo significa para nós. A mulher no poço de Samaria «deixou... o seu cântaro e foi à cidade» para falar ao povo, de Cristo (João 4:28).

Quão maravilhoso é ver jovens, que receberam dons inexcedíveis de perdão e restauração, ter a peito imediatamente testemunhar a favor dos seus amados. Aqui está o segredo de *guardar*, manter a nossa experiência. Devemos partilhá-la com mais alguém. Uma vela não precisa arder até metade para dar a sua luz. Desde o momento que ela está acesa, ela estará pronta para dar a sua luz a alguém.

Não há propósito mais alto do que levar uma alma a Cristo. A nossa necessidade era o maior desafio para o coração de Deus. A necessidade de outras pessoas pode ser o maior desafio ao nosso coração. Nenhum outro pode saber o valor duma alma tão plenamente como Jesus. Ninguém a buscou tanto tempo, nem a guardou tão esperançoso. E pode haver uma vida com maior objectivo do que cooperar com Deus em alcançar almas para o evangelho e encher o Céu com os remidos do Senhor? Este privilégio fazia o apóstolo S. Paulo escrever aos crentes em Corinto: «Eu de muito boa vontade gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas» (II Cor. 12:15). Quando ele

Foi até junto de alguns que nos seus melhores anos ganhara para a verdade e informou-os de que tinha descoberto algumas novas verdades, e daí o que ele lhes tinha ensinado antes, devia agora ser modificado. Incitou-os a segui-lo. Mas eles responderam: «Não. Vós dissestes muitas vezes, ao ler a admoestação de S. Paulo aos Gálatas, que se alguém, até vós mesmos, viesse com um evangelho diferente, não devíamos recebê-lo. Permanecemos portanto naquilo que S. Paulo e vós mesmos nos ensinaram». Há força e segurança em permanecer firmemente unidos com o povo de Deus na verdade, e não nos desviarmos, por pouco que seja, para a direita ou para a esquerda, seja quem for a convidar-nos.

Declarando a nossa lealdade

É bom e recto declarar por boca a nossa lealdade à causa de Deus e a nossa unidade com os irmãos. Tais declarações têm tido o seu peso ao serem praticadas em acções consistentes. Que Jesus esperava que o seu povo fosse perfeitamente unido em espírito e acção, isto é indicado na oração de intercessão: «Para que todos sejam um, como tu, ó Pai o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós». (João 17:21).

A unidade à qual Jesus nos chama, é completa. Ela não pode ser atingida só pelos nossos próprios esforços. Mas é possível com ajuda divina. A preparação Ante-Pentecostal trouxe um espírito de completa harmonia aos discípulos que tinham mostrado antes um espírito contrário. Esta unidade de que Jesus fala não é uma organização humana. É antes a dádiva do amor divino. Só pode ser realizada quando nós mesmos temos comunhão com o Pai e com o seu Filho.

Em 1902, há mais de 60 anos, a serva do Senhor fez esta pergunta categórica: «Qual o segredo da nossa prosperidade»? Quando a Irmã White levantou esta questão, era evidente que a causa de Deus tinha prosperado. O número de membros da igreja subiu de poucas centenas para 73.522. Para aqueles que tinham visto as dificulda-

des desde o princípio isto era na verdade uma evidência de prosperidade.

Enquanto a Irmã White olhava para o desenvolvimento da obra nos seus dias e a punha em contraste com os dias difíceis dos nossos princípios, ela foi impressionada com a prosperidade que se verificou na nossa obra. Isto levou-a a inquirir o segredo desta prosperidade. Ela própria deu a resposta. «Deus abençoou os nossos esforços unidos». Os primeiros crentes tinham aprendido o valor dos esforços harmoniosos, e Deus tinha abençoado o seu trabalho.

Tivesse cada um, até aqui, trabalhado para si, feito aquilo que julgava ser justo aos seus próprios olhos quão diferentes os resultados teriam sido! Mas teriam aprendido que: «Os que têm a união do Alto farão todos os esforços para manter a ordem, a disciplina e a unidade de acção, e os anjos de Deus poderão colaborar com eles» — *Testimonies to Ministers*, pág. 28. E também devem atender a esta admoestação inspirada: «Se alguma vez o Senhor falou por mim, Ele fala quando digo aos obreiros que trabalham na obra de educação, no ramo ministerial e na obra médico-missionária para permanecer unidos, trabalhando todos debaixo da orientação de Deus, ajudando-se uns aos outros, e cada qual sendo uma bênção para o seu semelhante». — *Testimonies*, vol. 9, págs. 169-170.

Deus abençoou

Poderemos ver ainda a próspera mão de Deus sobre a sua obra? Quando a Irmã White olhou para o campo em 1902, viu 73.000 membros baptizados. Estavam dando anualmente, em dízimos e ofertas, um pouco menos de um milhão de dólares. Hoje, em lugar de 73.000 crentes estamos quase num milhão e meio, e com a nossa Escola Sabatina a atingir quase dois milhões. As nossas ofertas subiram de menos de um milhão para 110 milhões cada ano.

Embora reconheçamos que números e estatísticas não são as medidas essenciais do êxito da obra de Deus, nós cremos que elas indicam algo de valor sólido e de verdadeira dignidade do po-

vo que constitue as cifras e que dá os milhões de dólares.

Mais de 100.000 pessoas cada ano abandonam as suas posições, vencem a oposição, e muitas vezes fazem um prodigioso sacrifício para abraçar a fé. Eles não fariam isso se não vissem nela algo mais do que um valor terreno. Nem iriam meter a mão no bolso para tirar cada ano 110 milhões e dá-los para o avanço desta causa se não cressem nela de todo o seu coração. Cifras e estatísticas podem ser muito expressivas, e neste caso creio que o são.

Falando do desenvolvimento da nossa Igreja, a Irmã White observa: «Desde a primeira hora o nosso trabalho foi agressivo» — *Testimonies to Ministers*, pág. 24. Uma agressividade unificada resultou, sob a influência de Deus, em crescimento constante.

Não temos perdido a nossa agressividade ao levar para a frente a obra de Deus, nem temos perdido o nosso espírito de unidade. Apesar de estarmos praticamente cortados de extensas áreas do campo mundial, e tendo pouco ou por vezes nenhum contacto com os crentes, o espírito de unidade persiste.

As dificuldades são excepcionalmente grandes para o nosso povo nessas áreas. Não somente estão a ser discriminados por causa da sua religião, mas estão apontados como não cooperadores por causa da sua lealdade ao quarto mandamento. A sua parte não é nada fácil. Mas quando alguém entra ocasionalmente em contacto com eles, fica impressionado com a sua dedicada lealdade a este grande movimento e aquilo que ele representa.

Eles pensam para além das fronteiras do seu país e perguntam: «Como vai o trabalho nos outros países»? E perguntam ainda: «Como estão os irmãos»? E eles nomeiam o Irmão Spicer e outros.

Estiveram fora do contacto connosco por tanto tempo que não sabem que as pessoas pelas quais nos perguntam já estão no seu descanso. Mas as suas perguntas indicam bem o interesse vivo e o amor que sentem pela obra de Deus na terra.

Muito ainda para fazer

Embora Deus tenha abençoado maravilhosamente e feito prosperar a sua obra, «Ainda muitíssima terra ficou por possuir». Assim, com a nossa tarefa ainda por acabar diante de nós, e com a certeza das promessas de Deus, devemos ir agressivamente em unidade, apertando as fileiras e marchando para a frente na proclamação da mensagem da vinda breve do Senhor em glória e majestade. As dificuldades aumentam. Os problemas crescem em número e magnitude. Estamos cortados de grandes áreas do mundo e de muitos do nosso povo. Mas estas condições não nos devem desanimar ou levar-nos a afrouxar os nossos esforços. Temos a prometida presença do Senhor, «Eis que estou convosco». Assim, com a agressividade e na unidade que trouxe prosperidade à nossa obra desde o seu princípio, devemos apertar as fileiras e andar mais depressa para a frente afim de terminar a tarefa que nos foi confiada.

Nada agradaria mais ao inimigo do que ver divisões introduzir-se entre o povo de Deus e cada um decidir o seu próprio caminho.

«O povo de Deus não deve estar em confusão faltando à ordem, harmonia, consistência e beleza. O Senhor é grandemente desonrado quando a desunião existe entre o seu povo. A verdade é uma unidade que Deus requer deve ser cultivada dia a dia se queremos responder à oração de Cristo. A desunião que teima a entrar no meio dos que professam crer na última mensagem de graça para o mundo, não deve encontrar lugar, pois seria poderoso impedimento ao avanço da causa de Deus. Os seus servos devem ser um, como Cristo é um com o Pai; as suas forças, iluminadas, inspiradas e santificadas, devem ser unidas para constituir um conjunto completo. Aqueles que amam a Deus e guardam os seus mandamentos não devem apartar-se; devem andar todos juntos». — *Testemunhos vol. 8*, págs. 174-175.

Uma igreja unida

Devemos «andar juntos» para andar unidos para a frente. A gloriosa multidão que João viu (Apoc. 7) diante do trono de Deus e do Cordeiro, constituída pelos remidos de toda a nação, tribo, língua e povo, é um corpo perfeitamente unido cantando a sua harmonia e seu triunfo em grande antifona de louvor e lealdade para com Deus. A unidade deste corpo foi completada e mantida aqui neste mundo. Foi aqui, nesta terra que os seus membros se foram suportando uns aos outros em caridade, não poupando esforços «para apertar com laços de paz a unidade que dá o Espírito». (Efés. 4:3).

Com grande seriedade devemos considerar a nossa responsabilidade pessoal para estar em acordo com o povo de Deus, tanto individual como colecti-

vamente. O apóstolo S. Pedro aponta o caminho:

«Purificando as vossas almas em obediência à verdade, para caridade fraternal não fingida; amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração puro» (I Ped. 1:22).

Que triunfo seria para a igreja de Deus se durante esta semana de oração todas as dificuldades entre membros, toda a acusação aos dirigentes, toda a condenação dos comités, e toda a crítica destrutiva da igreja se acabasse. Que grande impulso isto daria ao nosso trabalho! Como Deus seria exaltado diante do mundo! Então se cumpriria a oração de nosso Senhor: «Para que seja um... para que o mundo creia que tu me enviaste»,

Que o Senhor nos conceda esta experiência como resultado desta Semana de Oração.

Visado pela Censura